



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

COM HABILITAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Pedro Paulo Dias Skinner

Viagens e turismo

A Colônia Hippie e os aspectos contemporâneos da Praia de Berlinque

Salvador

2014

Pedro Paulo Dias Skinner

Viagens e turismo

A Colônia Hippie e os aspectos contemporâneos da Praia de Berlinque

Monografia apresentada no curso de graduação à Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, curso de Ciências Sociais, para a conclusão do bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: professor Dr. Carlos Caroso

Salvador

2014

Ficha catalográfica

Pedro Paulo Dias Skinner

Viagens e turismo

A Colônia Hippie e os aspectos contemporâneos da Praia de Berlinque

Monografia apresentada no curso de graduação à
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas, curso de Ciências
Sociais, para a conclusão do bacharelado em
Ciências Sociais com habilitação em antropologia

Área de concentração: Antropologia

Data de defesa: 07.02.2014

Resultado:_____.

BANCA EXAMINADORA

Fernando Firmo

Cláudio Pereira

Marcos Tromboni

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus interlocutores que participaram dessa pesquisa, moradores de Berlinque, visitantes de hoje e de tempos passados, pela generosidade nas conversas e entrevistas. Um agradecimento especial ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Caroso pelas oportunidades que me concedeu e ao Prof. Dr. Fernando Firmo, pelas valiosas dicas em momentos importantes.

“Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (Paulo Freire), a Frederico Skinner meu eterno agradecimento. Para minha mãe o meu sincero obrigado pela enorme amizade e por todo amor que deposita na vida.

Pedro Paulo D. Skinner

Ah, e as viagens, as viagens de recreio, e as outras,
As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos outros
Duma maneira especial, como se um mistério marítimo
Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento
Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta,
Eternamente deslocando-se sobre a imensidade das águas!
Grandes hotéis do Infinito, oh transatlântico meus!
Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca pararem num ponto

E contarem todas as espécies de trajés, de caras, de raças!

As viagens, os viajantes – tantas espécies deles!
Tanta nacionalidade sobre o mundo! Tanta profissão! Tanta gente!
Tanto destino diverso que se pode dar à vida,
À vida, afinal, no fundo sempre, sempre a mesma!
Tantas caras curiosas! Todas as caras são curiosas
E nada traz tanta religiosidade como o olhar muito para gente.
A fraternidade afinal não é uma idéia revolucionária.
É uma coisa que a gente aprende pela vida fora, onde tem que tolerar tudo.
(PESSOA, Fernando. 1978, p.230)

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa exploratória no campo da antropologia das viagens e do turismo. Há um amplo espectro de interesses antropológicos no turismo, porém, não há uma perspectiva teórica única que amarre a pesquisa antropológica. Dessa forma, farei inicialmente um traçado do “estado da arte” referente ao tema, levando em conta diversas motivações que ocasionam o deslocamento de pessoas de seus lares. Além disso, esses estudos compõem um campo de pesquisa que vem sendo cada vez mais explorado sob diversas perspectivas. O campo etnográfico dessa pesquisa consiste em uma antiga vila de pescadores que foi paraíso hippie na década de 1970 e hoje abriga casas de veraneio, campings, pousadas e um pequeno comércio que atende ao local. Berlinque atrai visitantes até os dias de hoje, com isso, novas associações são estabelecidas e um novo perfil turístico pode ser notado no local. O trabalho pretende analisar as principais transformações relacionadas à atividade turística na localidade, enfatizando a existência da Colônia Hippie de Berlinque na década de 70 na intenção de compreender as suas principais implicações no ponto de vista socioambiental.

Palavras-chave: Antropologia das viagens e do turismo, comunidades intencionais, movimento hippie.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1- ITINERÁRIO DA PESQUISA	10
1.2- NÃO É METODOLOGIA, MAS SIM UM GUIA DE VIAGEM.....	11.
1.3-ESTADO DA ARTE- ANTROPOLOGIA E TURISMO	15
2. ASPÉCTOS CONTEMPORÂNEOS DA VILA DE BERLINQUE	19
3. VIAGENS E TURISMO	31
4. COLÔNIA HIPPIE- TRANSFORMAÇÕES E PERFORMANCES	38
5. CONCLUSÃO	50
6. BIBLIOGRAFIA	52
7. ANEXO	55

1. INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho pretendo lançar luz a uma questão recorrente na realidade de diversas localidades da Baía de Todos os Santos e do mundo afora de uma maneira mais ampla. O turismo como agente transformador de um local. Tomando o caso de Berlinque, na Ilha de Itaparica, que na década de 1970 foi bastante frequentada por viajantes hippies provenientes de várias partes do mundo, mas que atualmente apresenta grandes problemas estruturais e sociais, representado pelo crescimento desordenado de moradias, invasões de terra, violência e tráfico de drogas, dentre outras situações consideradas problemáticas pela população local.

A vila de Berlinque encontra-se no município de Vera Cruz, entre Aratuba e Cacha Pregos, sendo conhecida pela bela praia e por abrigar muitas casas de veraneio além de um camping. A prática do camping é uma característica que faz de Berlinque uma localidade diferenciada das demais da vizinhança. Outro fator diferenciador do local foi a existência de uma colônia hippie durante a década de 1970, aliada a toda uma dinâmica estabelecida através de diferentes atores, que, veio a ser objeto de estudo nesse trabalho que ora concluo, com vista a compreender alguns aspectos contemporâneos por meio do entendimento das relações que eram estabelecidas naquele momento e nas transformações que daí resultaram.

O verão constitui a “alta estação” da localidade. É quando o comércio local responde às demandas crescentes e obtém seus maiores lucros, mas também é a época em que ocorre o deslocamento temporário de algumas famílias, o aumento da poluição como resultado da disposição imprópria de lixo, particularmente nas praias. Neste período de maior visitação as casas de veraneio são alugadas ou estão ocupadas pelos seus proprietários, que buscam desfrutar suas férias em uma praia aprazível, mas nem sempre preocupados com a dinâmica da vida local e de seus moradores. A presença desses visitantes gera o estabelecimento de novas relações com aqueles que ali vivem, com significativos impactos sobre a vida e pessoas do local.

A proposta deste estudo é identificar e analisar os principais aspectos da vida local que são destacados pelos moradores locais, assim como por veranistas e turistas, a no que tange à relação da vila e seus moradores com o turismo e suas diversas implicações no ponto de vista socioambiental. Entendemos ser necessários estudos deste tipo em diferentes localidades, em que pequenas populações passam significativas transformações em diversos âmbitos, como resultado da nova dinâmica e estabelecimento de novos laços e relações. O apelo para a memória de parte dos meus interlocutores apresenta-se com o objetivo de iluminar questões a mim pertinentes, como as relações que eram estabelecidas entre hippies e “nativos”, assim como outras implicações da existência de uma colônia hippie no contexto daquela época. Apesar das grandes transformações ocorridas no local, Berlinque ainda continua sendo frequentada por turistas, veranistas e campistas vindos de diferentes locais, um exemplo é a presença de *motorhomes* com estrangeiros que chegam a localidade ainda nos dias de hoje.

Na sessão seguinte trato do itinerário desta pesquisa desde o momento da elaboração do projeto e da opção pela metodologia que melhor se adequou ao campo, assim como faço uma breve exposição do que chamei de estado da arte, em que tomo

como referencial a produção sobre viagens e turismo na antropologia, que considero importantes fontes bibliográficas para os antropólogos que se dedicam a estudar o turismo em suas diversas manifestações e implicações. O Capítulo 2 trata dos aspectos contemporâneos da localidade, fruto da minha observação participante e realização de entrevistas por ocasião das visitas de campo. O Capítulo 3 se propõe iluminar o caminho percorrido por diversos tipos de viajantes afim de esclarecer de alguma forma o importante papel do mochileiro e do movimento hippie, contextualizando-o. Enfim no Capítulo 4 apresento relatos e histórias de vida que retratam alguns aspectos importantes relacionados à vida em Berlinque e na colônia hippie no período em estudo.

1.1- ITINERÁRIO DA PESQUISA

O primeiro passo constituiu de um levantamento bibliográfico sobre os temas que viriam a ser abordados. Essa etapa compreendeu o período de agosto de 2012 a janeiro de 2013. A partir da primeira metade de 2013 foram coletados dados primários através de entrevistas feitas com veranistas e ex-moradores da praia de Berlinque. Somente a partir de julho de 2013 tive o meu primeiro contato com o campo, onde pude dar continuidade à coleta de dados primários somados a observação participante. Anotações em diário de campo e entrevistas semiestruturadas com moradores locais e outros tipos de interlocutores envolvidos caracterizam essencialmente esta etapa.

No meu projeto de pesquisa inicial me propus a analisar aspectos do contexto socioambiental relacionados ao turismo em um povoado de pescadores localizado no baixo-sul baiano denominado Moreré. Pretendi identificar ao máximo as associações feitas entre “nativos”, veranistas e novos moradores da localidade. Ao decorrer do ano de 2013 tive dificuldade em aliar as demandas diárias relacionadas a vida familiar e campo de pesquisa. A distância do povoado e as dificuldades de acesso exigiam muito tempo. Por sugestão do meu orientador decidi redirecionar o meu projeto para um local mais próximo geograficamente, tendo também a mesma afinidade com as teorias relacionadas ao turismo que eu pretendia utilizar, daí surgiu a possibilidade de trabalhar com a vila de Berlinque, situada no município de Vera Cruz.

Eu já tinha conhecimento de Berlinque através de um livro de crônica hippie dos anos 70 que li há alguns anos, descreve histórias muito interessantes que remetem a algumas experiências do cotidiano da colônia hippie que lá existiu. O fato de ter existido uma colônia hippie que catalizou uma variedade de associações entre pessoas de diferentes nacionalidades, diferentes tipos de viajantes e a população local existente despertou o meu interesse para algumas questões, a meu ver, importantes para compreender as transformações e a realidade contemporânea do local.

Em meados de 2013 tive o meu primeiro contato com a localidade, este período compreende a “baixa estação” e o acesso foi fácil e rápido. Essa maior facilidade de acesso me permitiu ter uma maior mobilidade em relação às minhas demandas cotidianas e me possibilitou fazer algumas idas rápidas a campo e outras na qual levei mais tempo. No período de baixa estação as formas de hospedagem em Berlinque são muito escassas, por isso tive que ficar em camping algumas vezes pelo fato de todas as

pousadas estarem fechadas. Uma vez consegui negociar um quarto no próprio camping, mas não me satisfiz com os aposentos e optei pela minha barraca.

Os dados secundários utilizados nessa pesquisa foram coletados desde a etapa de delineamento do projeto até o momento de análise dos dados e redação desta monografia. Sites e blogs da internet são os principais veículos de notícias referentes à Baía de Todos os Santos (BTS) e ao município de Vera Cruz em específico, as fontes documentais acessadas serão apresentadas ao longo das discussões que são desenvolvidas.

Dessa forma, a pesquisa compreendeu basicamente três períodos que se intercalaram em diversos momentos: pesquisa bibliográfica e documental; observação participante e coleta de dados primários com entrevistas, registro em caderno de campo e registros fotográficos; estes dados foram sistematicamente organizados e analisados para virem a constituir o texto etnográfico que ora apresento. Um dos motivos pelo qual essas três etapas se cruzaram em determinados momentos é a de que o prazo limite para a produção deste trabalho se encerra na primeira metade de fevereiro, período que compreende a “alta estação” incluindo ao verão todo o circuito de festas e feriados presentes nessa época, por isso, em alguns momentos de sistematização, análise de dados e redação tive a necessidade de voltar a campo para que, dessa forma, pudesse realizar a observação participante no período de maior importância para o tema da minha pesquisa conseguindo, assim, valiosas informações complementares.

O levantamento bibliográfico foi preparado em grande parte ainda no período de confecção do projeto, na segunda metade de 2012. A bibliografia consultada consiste principalmente nos estudos da área da antropologia, metodologia qualitativa e antropologia das viagens e do turismo em específico, teses e dissertações relacionadas ao impacto do turismo em comunidades tradicionais costeiras e ribeirinhas também fazem parte do presente trabalho. Alguns artigos sobre perspectivas e metodologia na área do turismo também foram utilizados com a intenção de identificar algumas questões relacionadas à atividade dos viajantes mochileiros como um negócio lucrativo e ainda pouco explorado no Brasil. Além disso, a metodologia destes trabalhos, a cada dia, destacam mais a importância das ciências sociais para a compreensão e planejamento do turismo, por isso, tais estudos também fizeram parte deste levantamento.

1.2- NÃO É METODOLOGIA, MAS SIM UM GUIA DE VIAGEM

Se pode parecer indigno aos olhos de investigadores sérios comparar uma introdução à ciência a um guia de viagem, recordemos-lhes delicadamente que ‘para onde ir?’ e ‘o que vale a pena ver?’, nada mais são do que uma maneira de traduzir em bom português o que o grego nomeia pomposamente de ‘método’ ou, pior, ‘metodologia’. [...] Um guia tanto pode ser usado como esquecido, colocado numa mochila, manchado de gordura ou de café, anotado, as suas folhas podem ser rasgadas para acender um fogareiro. Logo, ele dá sugestões, em vez de se impor ao viajante. (LATOUR 2006, p.16)

Como o trecho citado a seguir mostra, a principal tarefa consiste em devolver aos atores a capacidade de criarem e recriarem a sua própria existência coletiva, dessa forma, o papel do antropólogo deve ser o de seguir essas novas associações estabelecidas “*de modo a aprender com eles o que a própria existência coletiva se tornou nas suas mãos*” (LATOURE, 2006). A Teoria do Ator-Rede desenvolvida por Bruno Latour faz parte dessa tendência que configura o perfil do modo de fazer antropológico em tempos contemporâneos. O antropólogo não deve se precipitar em impor a sua perspectiva, que foi construída a partir de uma bagagem teórica acumulada durante anos de estudo, mas sim acompanhar o delineamento das associações feitas pelos atores em questão para tentar compreender a forma com que veem a realidade em que vivem. A Teoria do Ator-Rede se esforça em tornar o mundo social o mais planejado possível, de modo a assegurar que o estabelecimento de algum novo laço seja claramente visível.

A tarefa já não é a de impor uma ordem, de limitar o leque de entidades aceitáveis, de ensinar aos actores o que eles são, ou de acrescentar alguma reflexividade à sua prática inconsciente. Para retomar um slogan da Teoria do actor-rede, é preciso ‘seguir os próprios actores’, quer dizer, tentar lidar com as suas inovações muitas vezes indomáveis, de modo a aprender com eles o que a existência coletiva se tornou nas suas mãos, que métodos é que elaboraram para a ajustar, e quais são os relatos que melhor definem as novas associações que foram obrigados a estabelecer. (LATOURE 2006, p.11)

Porém, há uma grande dificuldade para o antropólogo em re-significar os seus preconceitos, em superar alguns paradigmas e olhar com clareza a realidade sob outras perspectivas que não a sua. Essa tarefa consiste num desafio epistemológico a ser trabalhado dia após dia pelo pesquisador à medida que,

[...]diante do mistério do real, a alma não pode, por decreto, tornar-se ingênua. É impossível anular, de um só golpe, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. (BACHELARD, 1996, p.18).

por isso, a metodologia adotada pretendeu ser flexível, assim como a teoria que se apresenta implícita em determinada prática deve ser conscientemente adotada para a realidade estudada. Com isso, o pesquisador evita impor a sua perspectiva no momento em que o que importa é identificar quais concepções os seus interlocutores tem em relação à realidade em que vivem. Cito novamente Gaston Bachelard (1884- 1962):

Todo o pensamento científico deve mudar diante duma experiência nova; um discurso sobre o método científico será sempre um discurso de circunstância, não descreverá uma constituição definitiva do espírito científico. (BACHELARD, 1996, p.97).

Esse trabalho consiste em uma pesquisa exploratória tenta, a partir da experiência, iluminar algumas brechas do trabalho de campo à luz de refutações e verificações de teorias e experiências já existentes acerca das viagens e do turismo na antropologia. Priorizo o fazer etnográfico, mas proponho fazer uma breve exposição do estado da arte na disciplina da antropologia a respeito dos estudos sobre viagens e turismo em diferentes épocas e lugares. Mostro de que maneira estes são abordado sob a

perspectiva de diferentes autores, busco analisar algumas diferentes modalidades de turismo e outros tipos de viagem. Esse primeiro percurso permitirá ao leitor criar uma noção básica da maturidade que este ramo da antropologia atingiu até então no Brasil nos seus estudos mais recentes, lançando luz sobre as novas possibilidades de compreensão da atividade turística e de suas implicações socioambientais.

O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. (Magnani, 2002, p.17).

Levando isto em consideração, tais técnicas e modos de acercamento utilizados para as circunstâncias de cada pesquisa, com o fim da mesma, constituem-se em um conjunto de procedimentos. Nesta pesquisa a coleta de dados primários foi feita com o auxílio de um roteiro de entrevistas semiestruturado, para dar um norte às questões que priorizei abordar com os meus interlocutores. Homens e mulheres, adultos e idosos, moradores locais e visitantes formam os interlocutores-chave. As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas com um gravador de áudio como fonte de registro para mais tarde serem transcritas e analisadas através de um método de transcrição seletiva. Durante o andamento da pesquisa de campo algumas pessoas não concordaram com a utilização do gravador por mais que eu lhes assegurasse a confidencialidade das informações coletadas, sendo assim, a utilização de caderno de campo foi essencial como de praxe e uma parte da pesquisa está também baseada em conversas informais.

Durante as entrevistas busquei identificar as perspectivas tanto de moradores locais quanto de turistas acerca das relações que são estabelecidas entre eles mesmos, entre eles e a natureza e entre eles e o meu papel enquanto pesquisador. As concepções formuladas pelos mesmos acerca da sustentabilidade também são de interesse da pesquisa, para isso, os relatos de moradores de diferentes posições econômicas e sociais contribuem para esclarecer diferentes aspectos da vida local. Busquei registrar histórias de vida de moradores nativos, atentando para os momentos em que a atividade turística exerce influência sobre os mesmos, que tipo de influência e qual perspectiva do entrevistado em relação às questões abordadas. No caso dos visitantes que se tornaram moradores e dos visitantes turistas, investi no registro de seus relatos desde o momento em que conheceram o povoado. Valorizei também informações que remetam à existência da Colônia Hippie durante a década de 1970 em Berlinque.

Quero deixar claro que utilizei o método de observação participante quando me dispus a compor o presente etnográfico, as análises referentes às minhas experiências em campo durante o andamento dessa pesquisa, que resultaram no Capítulo 3 principalmente. Em outra etapa do trabalho me dispus a investigar relatos sobre a Colônia Hippie de Berlinque na década de setenta, etapa na qual me baseei grande parte em histórias de vida e que resultaram no Capítulo 5.

As fontes secundárias foram sendo arroladas desde o início da pesquisa. Através de blogs e sites da internet identifiquei notícias de diversos temas relacionados à Berlinque e comunidades vizinhas pertencentes ao município de Vera Cruz. Tais notícias ganharam seu espaço e estarão presentes nos próximos capítulos.

Considero indispensável a utilização de fotografias em trabalhos desse tipo. A fotografia surge como parte das estratégias de registro de dados no momento em que passa a servir como instrumento para aguçar a memória de interlocutores sobre tempos passados durante as entrevistas. Consegui algumas fotos antigas da Colônia Hippie com um fotógrafo e antigo frequentador que também me fez alguns comentários sobre as mesmas, elas tiveram um papel fundamental durante o andamento da pesquisa. No uso de imagens fotográficas para obtenção de informações de grande relevância, assumimos que a fotografia consiste em um material importante para pesquisas etnográficas relacionadas ao turismo, não só aquelas fotos registradas pelo pesquisador, mas principalmente aquelas feitas pelos turistas, veranistas ou moradores. Como afirma John Urry (1996, p.186):

As imagens produzidas não parecem ser afirmações sobre o mundo, mas parcelas dele ou até mesmo fatias em miniatura da realidade [...] Assim, um fotógrafo parece fornecer a prova de que algo aconteceu de fato, de que alguém estava realmente presente ou de que a montanha se encontrava realmente à distância. Pensa-se que a câmera não mente.

Quando se consegue ter acesso a imagens registradas pelos interlocutores de uma pesquisa como essa, que se dedica a investigar as práticas de lazer, turismo, viagens e suas implicações em determinado local, pode-se notar “as fatias em miniatura da realidade” sob a perspectiva daqueles atores que produzem as associações que pretendi analisar. Os comentários sobre as mesmas são também de fundamental importância, esclarecendo ainda mais o olhar do fotógrafo e a sua intenção em registrar determinados recortes da realidade. Além disso, fiz também algumas imagens minhas de Berlim nos dias de hoje, para ilustrar o local e através delas fazer uma comparação com as fotos antigas, na tentativa de identificar mudanças ocorridas na paisagem durante os períodos que a pesquisa contempla.

A estratégia adotada para análise consistiu em sistematizar ao máximo os dados logo após as idas a campo proporcionando uma maior organização do material coletado para a posterior etapa de análise. Na maioria das vezes a sistematização e a análise se cruzam, mas em uma etapa posterior ao término dos trabalhos de campo fiz uma análise sistemática dos dados afim de redigir o presente trabalho. As entrevistas gravadas, como já foi dito, foram transcritas de maneira seletiva, sendo as informações filtradas por campos temáticos mais focalizados nas questões relativas ao turismo e às demais questões relevantes. Busquei identificar durante a análise das entrevistas algumas informações referentes ao tema e que se enquadrem em categorias teóricas ou analíticas e revelem categorias empíricas ou etnográficas.

Outro ponto essencial para o percurso metodológico que adotei nesse trabalho foram as questões éticas envolvidas. Muitas outras ciências carecem da valorização dessas questões, dessa forma, um dos principais papéis do antropólogo a meu ver é o de pô-las em prática e assegurar ao máximo a integridade dos interlocutores envolvidos. Garanti a cada entrevistado a total confidencialidade dos relatos que me forneciam, dessa forma pude adentrar em assuntos um tanto mais delicados, muitas vezes relacionados à violência cotidiana, violência sexual ou qualquer tipo de conflito entre moradores ou entre eles e turistas. As permissões para gravar as entrevistas foram devidamente gravadas nas mesmas, evitei pedir que os meus interlocutores assinassem

termos de consentimento afim de driblar recorrentes constrangimentos relacionados ao fato de poderem existir pessoas não aptas a ler e escrever entre os mesmos. Optei então, por omitir por completo o nome dos meus interlocutores, pelos motivos que acabei de citar e outras implicações éticas que são comuns a antropologia. Não houve nenhuma manifestação de interesse dos meus entrevistados em expor os seus nomes contrariando minha opção, muito pelo contrário, a confirmação de que os dados coletados eram sigilosos me pareceu dar mais espontaneidade aos interlocutores.

1.3- ESTADO DA ARTE- ANTROPOLOGIA E TURISMO

As viagens e o turismo têm sido abordados pelos antropólogos através de um amplo espectro de interesses, como etnicidade, identidade, política local e global dentre outros, mas não há uma abordagem teórica que amarre as pesquisas antropológicas sobre o turismo, dessa forma, talvez possa-se pensar em “antropologias do turismo” (GRABURN, 2009). Apesar do grande avanço que tem tido nas Ciências Sociais, sabe-se que a maior parte dos estudos sobre o turismo encontra-se no âmbito das ciências econômicas (BARRETTO, 2003).

O trânsito de pessoas, que se deslocam das suas moradias temporariamente visitando outros lugares ocorre por diversas motivações e constitui um negócio lucrativo na maioria das vezes, representando não só um movimento de pessoas, mas de capital. Historicamente o planejamento do turismo é feito por teorias e práticas da área administrativa, desenvolvendo projeções futuras com base nas tendências do mercado, e criando hábitos de consumo através de técnicas publicitárias de marketing. Em muitas áreas, onde o planejamento do turismo foi feito sem o aporte das ciências sociais, os conflitos estão presentes envolvendo em grande parte os interesses das populações tradicionalmente estabelecidas em choque com as propostas de desenvolvimento turístico, sempre renovado sob novos rótulos, como o de “turismo sustentado”, “ecoturismo”, dentre outros (BARRETTO, 2003). A dimensão econômica é apenas uma das várias que compõem a atividade turística, por isso a participação das Ciências Sociais e em particular da Antropologia é fundamental para o planejamento e compreensão do turismo na tentativa de lidar com os impactos socioambientais e culturais tão recorrentes.

O turismo não é praticado exclusivamente no Ocidente (GRABURN 1983; NASH, 1996) e há muitas outras destinações turísticas para os antropólogos estudarem além dos países pós-coloniais ou em desenvolvimento, mas grande parte dos antropólogos ainda optam por esse recorte espacial, eis que surge o grande debate: Em campo, em que medida o papel do antropólogo está associado ou se difere ao do turista? Tanto nas interações com os turistas como com as populações locais, ora o antropólogo poderá ser tratado como um mediador, ora poderá ser confundido com o turista, como também aconteceu no meu campo etnográfico sobre o qual falarei no próximo capítulo. Dessa forma, o papel do antropólogo em campo deve ser constantemente revisadas até que se adéquem à realidade específica de cada local e à dinâmica das relações que são estabelecidas entre visitantes e populações “nativas”.

Há populações locais que tem suas próprias categorias e suas próprias maneiras de lidar com os “forasteiros”, podendo não estar de acordo com a visão que os antropólogos têm de si mesmos (CRICK 1985; PICARD 2007). As associações estabelecidas entre nativos e visitantes de determinados locais estão sujeitas a um movimento constante de transformações. Um constante e renovado estado de interação entre diferentes culturas podem gerar sempre novas associações. Por isso, resalto o imprescindível valor da observação participante e da etnografia nos trabalhos antropológicos sobre viajantes e turistas.

Tanto as influências externas quanto as populações locais são complexas, variadas e abrangem partes interessadas concorrentes entre si (ABRAM et al, 1997; DAHER 2000). Por isso mesmo, ao tratar do turismo através da perspectiva dos “impactos” que este causa sobre as culturas locais, que podem incluir tanto o reforço cultural como mudanças introduzidas por demandas exógenas; propiciar uma forma alternativa de emprego; em regiões isoladas, pode desacelerar o êxodo rural, mantendo as famílias unidas e permitindo a preservação dos rituais locais ¹, ou, ainda, ser um fator de deslocamento forçado e exclusão social. Por outro lado a maior parte dos estudos antropológicos desde o final da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje estão associados a impactos sociais, culturais e ambientais decorrentes da atividade turística, como também nos grandes conflitos que envolvem empresas, agências turísticas, cultura local, deslocamentos populacionais, meio-ambiente etc. Os primeiros estudos sobre o turismo no campo da antropologia estão relacionados aos impactos causados pelos turistas ao trabalho dos antropólogos, que serão discutidos abaixo.

Um conceito-chave que é constantemente invocado por antropólogos que questionam os “impactos” do turismo é o de autenticidade, que fundamenta um debate teórico amplo e é bastante recorrente nos estudos antropológicos do turismo. O conceito desenvolvido por MacCannell de “autenticidade encenada” responde aos críticos que crucificavam os turistas de massa pela forma como desfrutavam tanto do artificial, quanto do falso. Então o autor os contradiz afirmando que o turista, alienado nas mesmices da vida urbana moderna, viajam à procura de autenticidade, os turistas procuram completude e significado na natureza, na história ou na vida supostamente simples de outras pessoas (McCannell, 1976). Acontece que nem todos os turistas estão realmente alienados e em busca de autenticidade, Cohen (1979) argumenta que há graus de alienação que diferenciam os turistas: alguns procuram algo de “diferente” fora de casa, mas retornam felizes, alguns estão satisfeitos com a vida cotidiana e os mais alienados experimentam ou até migram, para adotar modos de vida mais “autêntico” em outro lugar. Acho importante destacar duas das três formas propostas por Wang (1999) de ver a autenticidade, resumindo o extenso debate proposto por MacCannell, são eles: A construtivista, na qual a autenticidade não é uma condição ontológica, mas uma etiqueta determinada por critérios socialmente construídos. A outra é a existencial, na qual o turista se concentra na “verdade” dos seus sentimentos interiores e interpessoais durante a viagem. Ambas serão importantes para compreender algumas histórias

1- Como mostram os estudos recentes sobre os “impactos” do turismo e que oferecem um quadro mais moderado sobre as consequências do seu desenvolvimento. Conferir: MOON, Ok Pyo (1989). *From paddy field to ski slope: The revitalization of traditions in Japanese village life*. Manchester; Manchester University Press.

2- A designação de “paraíso hippie” foi retirada de um site de negócios e turismo: <http://www.itaparicatourismo.com.br/index.php/praias/costa/berlinque.html>. Os demais interlocutores chamam o local de Colônia Hippie de Berlinque.

contidas no meu texto etnográfico e podem trazer reflexões sobre alguns aspectos que compunham as diferentes motivações e os diferentes atrativos que levavam e ainda levam as pessoas à vila de Berlimque. Concordo com a idéia de que a “autenticidade” não seja uma categoria ontológica ou analítica, mas sim uma categoria nativa e etnográfica que deve ser mencionada em contextos específicos.

Dentre os antropólogos brasileiros que se dedicaram a estudar o turismo, gostaria de ressaltar alguns que considero importantes, dentre eles está Barretto, Steil, Grunewald, Santos, Caroso, Banducci Jr, Rodrigues, Serrano e Luchiari. Estes autores foram precursores desta discussão de imprescindível importância de se analisar o fenômeno do turismo e as suas diversas implicações nas sociedades envolvidas. Entre estes, alguns configuram o que podemos chamar de antropologia do turismo ou “antropologias do turismo” (GRABURN, 2009).

Em uma coleção denominada Coleção Turismo, coordenada por Barretto, podemos encontrar uma edição intitulada: *Turismo e Antropologia, novas abordagens*. Nele diferentes temas são abordados por alguns autores que citei logo acima. Um capítulo de autoria de Graburn, intitulado “Antropologia ou antropologias do turismo?”, e traduzido por Barretto e Santos, se dedica a elaborar com muito mais precisão o que chamo aqui de estado da arte. O autor sugere que se possa pensar em “antropologias do turismo”, já que não há uma perspectiva teórica que amarre todo o espectro de interesses que os antropólogos tem em analisar tais fenômenos, descrevendo a origem do campo e crescente valorização da sua importância em variados contextos. Por isso, neste capítulo, me ateno a traçar um breve panorama que auxilie minimamente aqueles antropólogos que se interessem em estudar o turismo dando-lhes alguns atalhos para sua pesquisa e compreensão. Espero também, com isso, caracterizar de certa forma o turismo que é praticado nos dias de hoje em Berlimque.

A descoberta empírica das viagens e do turismo como objeto de estudo da antropologia deu-se na década de 1960, quando alguns antropólogos, preocupados com a intromissão dos turistas em campo, começaram a documentar seus impactos (NUÑES, 1963). Em seguida o turismo começou a se apresentar em trabalhos que tratavam de temas afins, como “Os esquimós e a arte de aeroporto” (GRABURN, 1967), que mais tarde viriam a ganhar importância na “antropologia do turismo”. Ao perceberem a disseminação global do turismo, alguns antropólogos se dedicaram então a analisá-lo a partir de modelos antropológicos já existentes, como o de aculturação, inicialmente para compreender os impactos culturais dos contatos. Em seguida alguns autores publicaram suas pesquisas questionando a racionalidade econômica do desenvolvimento do turismo, com isso, vieram à tona também as suas consequências sociais e culturais (BRYDEN, 1973 e YOUNG, 1973). Isso trouxe aos antropólogos mais preocupação a respeito da rápida degradação da cultura e da identidade que o turismo provocaria em sociedades pequenas e isoladas. A partir daí, uma série de avaliações sobre o potencial negativo e positivo do desenvolvimento do turismo vieram sendo cada vez mais exploradas.

Como afirma John Urry “não existe um olhar do turista enquanto tal. Ele varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico” (URRY, 1996). Gostaria de chamar atenção para um importante detalhe. A vila de Berlimque não consiste em um destino turístico de grande visitação como muitos outros, em que os

turistas e o turismo em geral se transformem numa parte integral da cultura, mas é um local onde o turismo é praticado de diferentes formas ao longo de décadas, tornando-se uma parcela significativa da vida social dos habitantes em determinadas épocas. Juntamente com tal característica, há um nexos local-global que transpareceu entre os viajantes que chegavam a Berlinque na década de setenta por influência da colônia hippie. As interações geradas pela vinda de turistas e as suas motivações foram se transformando à medida que o crescimento populacional da BTS e, nesse caso, do município de Vera Cruz, veio criando novas demandas e gerando novas associações. Com o fim da colônia hippie pode-se notar ainda hoje um fluxo de turistas estrangeiros bem mais restrito, correspondente a grupos que se estabelecem no camping com *motorhomes*, sobre os quais tratarei mais detalhadamente no próximo capítulo, e alguns que frequentam Berlinque por temporadas. Com isso, identifico o intercâmbio cultural existente entre as pessoas que frequentavam a colônia hippie e os moradores locais, assim como, os novos moradores, turistas e veranistas, como um aspecto importante da vida social de Berlinque que merece ser analisado a partir de um olhar antropológico.

Berlinque não consiste em um local onde hajam projetos de turismo sustentável, não identifiquei nenhum posicionamento a respeito de alguma estratégia de turismo sustentado ou ao menos alguma iniciativa por parte de alguém nessa direção. A ideia de sustentabilidade que se tem na comunidade é muito pouco articulada, diferentemente do trabalho de Rosana Decat, por exemplo, que trata do projeto de turismo histórico como uma estratégia de sustentabilidade para a cidade de Cairu, no baixo-sul (FRANÇA, 2008).

No próximo capítulo abordarei alguns aspectos contemporâneos da vila e rotinas da vila de Berlinque. Quem são as pessoas que atualmente frequentam o local e por quais motivos buscam a praia de Berlinque para veraneio e/ou finais de semana? Quais equipamentos e serviços fornecidos pela localidade para a visitação e os principais problemas relacionados à demanda exigida pelo fluxo crescente de visitantes e de novos moradores? De que forma o crescimento populacional e os problemas gerados pelo aumento da visitação ao local alteram a dinâmica da vida social e geram novas associações para tais demandas relacionadas também ao turismo? São questões que busquei contemplar no capítulo que segue.

2- ASPÉCTOS CONTEMPORÂNEOS DA VILA DE BERLINQUE

A praia de Berlinque encontra-se localizada 34 km ao sul do centro de Ilha de Itaparica, no município de Vera Cruz. As suas areias se estendem por cerca de 3 km até a Ponta de My Friend, local isolado e contornado por abundante vegetação tropical remanescente. A localidade é uma antiga vila de pescadores situada entre Cacha Pregos e Aratuba e hoje Berlinque abriga casas de veraneio, camping, pousadas e um pequeno comércio que atende ao local. A localidade é cortada por uma rodovia que parte da BA-001 e liga as demais localidades dando acesso rodoviário ao distrito de Cacha Pregos. O transporte mais utilizado são *vans* ou *topiques* que partem diretamente da lancha de Mar Grande ou do *ferryboat* em Bom Despacho, fazendo e refazendo esse trajeto durante todo o dia.

Na minha primeira visita ao local reparei no péssimo estado em que se encontrava o asfalto da rodovia, quando interrompida por um trecho de paralelepípedo, ai está Berlinque. A praia fica paralela à rodovia principal e outras ruas perpendiculares dão acesso a outras ruas no interior da localidade e à praia. Um pouco mais adiante me referirei a algumas demandas da população local em relação ao recapeamento da rodovia.

O fluxo de vans é constante durante todo o dia e logo chegando pode-se reparar que é próximo à rodovia principal que se encontra a maior parte do comércio: bares, mercados, serraria, borracharia, pousadas, camping, escola, peixarias etc. A minha pesquisa de campo se iniciou a partir da segunda metade de 2013 e logo ao chegar tive a primeira impressão de estar sendo confundido com um turista, procurando pousada com uma mochila nas costas. Esse já é um antigo dilema entre os antropólogos que se dedicaram a estudar o turismo, mas essa impressão foi se alterando à medida que meu trabalho avançava e eu me relacionava com as pessoas.

Os turistas e a população local entendem os antropólogos valendo-se de suas próprias percepções de nacionalidade, etnicidade, gênero, sexualidade, ocupação, autoridade e poder, colocando os pesquisadores em posições que guardam profundas implicações com os tipos de conhecimento que podem obter mediante a observação participante (GRABURN, 2002, pp. 25-28).

Segundo alguns moradores eu cheguei em “baixa estação”, o que compreende os períodos que não são verão ou longos feriados, e por isso não encontrei nenhuma das quatro pousadas que me foram indicadas abertas. Caminhei de um lado ao outro perguntando onde um visitante costuma se hospedar quando chega à Berlinque naquela época em meados de julho, a resposta foi a de que não havia visitantes nessa época, mas quando vinham costumavam ficar ou em Cacha Pregos ou em Aratuba. Não encontrando alternativa fui tentar a sorte em um camping na intenção de encontrar alguma barraca disponível para aluguel, imaginava encontrar hospedagem e por isso não levei a minha. O camping tem um espaço bastante amplo e se estende desde a rodovia até a praia, repleto de coqueiros, mas sem nenhum campista. Dei-me conta que a localidade é visitada por veranistas e turistas em uma época bem específica do ano, que

é o verão. No verão, o réveillon e o carnaval marcam as épocas de maior fluxo de pessoas que visitam Berlinque.

Na baixa temporada os moradores vivem “da maré”, como ressalta um de meus interlocutores ao falar da quantidade de peixarias e de ganhadeiras que existem no local. A prática das ganhadeiras é tradicional em comunidades pesqueiras, se trata de uma prática de venda e revenda do pescado através de intermediários que passam de casa em casa agenciando a mercadoria. A comunidade é amparada pelo defeso³ de robalo, camarão e lagosta, mas adiante no Capítulo 4 tratarei da vida das pessoas na localidade durante os anos 1970, quando ainda não havia luz elétrica e nem formas de armazenar o pescado além do uso do sal para conservação, isso atribui à prática das ganhadeiras um papel social ainda mais importante. Contudo, nos dias de hoje ainda que a localidade seja amparada pelo defeso, a pesca das espécies protegidas continua acontecendo, nesse caso, por não haver uma fiscalização por parte de entidades do governo ou da própria colônia de pesca do local, os pescadores evitam a comercialização dessas espécies, mas ainda assim se alimenta delas. Faço essas afirmações me baseando no depoimento de algumas pessoas, mas não pretendo fazer generalizações, afinal, existem pescadores que respeitam os períodos de defeso, mas muitas vezes a situação econômica da família não dá ao pescador outra saída a não ser levar o alimento para casa. Essa situação é também o que leva algumas pessoas a praticar a pesca com utilização de bombas, causando diversos impactos no ecossistema. Segundo os moradores houve uma diminuição desse tipo de pesca, mas ainda não acabou por completo, ainda ocorrem casos.

Segundo os moradores locais as festas mais típicas são a de São Pedro e o presente de Iemanjá, mas a maioria das festas ocorre nas comunidades vizinhas. A padroeira do vilarejo é a Nossa Senhora da Conceição. Os moradores afirmam que a maior movimentação é nos meses do verão, com isso, logo ao chegar a Berlinque fui informado por uma senhora que tomava conta de um bar, que ela e a família alugam tanto o bar quanto a casa para veraneio (aparentemente imaginando que eu estaria interessado em alugar a casa durante o verão, não lhe havia apresentado ainda a minha pesquisa), mudando-se para outra casa construída nos fundos. Segundo essa moradora, no verão a rodovia principal fica repleta de “barracas de capeta”⁴, onde as pessoas se agrupam para beber e ouvir música. A música é um dos principais motivos de incomodo para essa senhora, segundo ela o som é colocado no fundo dos carros e o volume é tão alto que a única solução é sair dali nesses períodos.

Pela quantidade de bares e pequenos mercados pude ver que grande parte do comércio gira em torno disso. Alguns dos bares ofertam também “pratos feitos” como refeição, para os quais utilizam alimentos comuns no local. Outro estabelecimento que pode-se encontrar com muita frequência tanto em Berlinque quanto nas comunidades vizinhas são casas de material de construção. A construção civil é um setor que tem se desenvolvido bastante na Baía de Todos os Santos, devido ao crescente crescimento populacional e diferentes formas de apropriação da terra. Locais como Berlinque crescem descontroladamente a cada ano e há uma evidente carência de planejamento urbano e de políticas para a melhoria da vida das pessoas.

3- Defeso é o período em que as atividades de caça, coleta e pescas esportivas e comerciais ficam vetadas ou controladas em diversos locais do território nacional.

4- Capeta é uma bebida feita com leite condensado, vodka ou cachaça, frutas e gelo.

No camping que passei as minhas primeiras noites pude conversar com o rapaz que o administrava, ele me disse que o camping já existia a mais de 25 anos, mas que ele estava trabalhando ali há um pouco mais de cinco anos apenas. Ele informou-me que durante a alta estação o fluxo de campistas aumenta e o movimento de turistas tem aumentado nos últimos anos, fato que se observa mais durante o verão e feriados prolongados. O responsável pelo camping informou ainda que nos finais do ano há um espaço no camping reservado para *motorhomes*, estes normalmente são utilizados por famílias que adotam uma vida nômade, que se estabelecem temporariamente em diferentes lugares ao redor do mundo.

Esta constatação me leva a questionar por que Berlinque atrai visitantes com estilo de vida nômade e alternativa desde a época da colônia hippie na década de 70 até os dias de hoje com a chegada desses *motorhomes* durante o verão? Talvez possa ser relacionado às condições que a comunidade oferece para a chegada de visitantes, ao mesmo tempo questionando qual o valor disso para a economia local e para o local como um todo, como funciona o circuito de verão com uma maior circulação de veranistas e turistas bem como as formas de lidar com a baixa estação.

Na localidade vizinha segundo alguns moradores existia um evento denominado “Encontro de Carros de Som”, que acontecia em Aratuba. Como é de se imaginar a quantidade e a intensidade do som incomodava muitos moradores, segundo um morador local com quem conversei, muitas pessoas venderam as suas casas mudaram para outras localidades devido a esse encontro. A polícia passou a intervir e proibiu terminantemente a utilização de som nos carros a partir dos horários de silêncio. Segundo o morador local ao qual me referi, os integrantes desse evento estariam migrando para o final da localidade de Berlinque em direção a Cacha Pregos, “mas não será por muito tempo, pois os policiais estão pegando no pé deles”, como afirma o mesmo.

Outro relato recorrente que me chama a atenção, sobre o qual já mencionei anteriormente, é de que muitos dos moradores que possuem casa próxima à rodovia principal que corta Berlinque costumam alugar as suas casas e deslocarem-se para outra residência mais afastada do centro nas épocas de verão e particularmente por ocasião do réveillon e do carnaval. Alguns comerciantes entrevistados afirmaram alugar tanto a casa quanto o próprio estabelecimento, uns se queixaram muito do barulho emitido pelos carros de som, outros disseram que o deslocamento possibilita uma renda extra nessas épocas do ano e ainda outros se queixavam da quantidade de carros associados também ao consumo excessivo de álcool, o que torna a beira da rodovia um local perigoso para as pessoas e principalmente crianças. O deslocamento forçado e oportunístico que ocorre se trata de um afastamento temporário de alguns moradores por diferentes motivos, mas todos associados ao movimento acentuado de pessoas de fora frequentando o local nas altas estações. Caroso e Rodrigues trabalharam, por exemplo, com questões de sustentabilidade e deslocamento de populações e identidades culturais no litoral norte da Bahia (Caroso; Rodrigues, 1998). Em Berlinque se trata de outro tipo de deslocamento, apenas temporário, levando em consideração o fato de que muitos moradores que se deslocam dispõem de mais de uma casa e a cada ano que passa novas casas são construídas.

Nesse trabalho busquei relatar histórias de vida de diferentes pessoas que costumam ou costumavam frequentar a praia de Berlinque na intenção de descobrir em torno de que acontecem os principais conflitos existentes na localidade, quais as relações mais significativas que se estabelecem entre moradores locais, novos moradores, veranistas e turistas, além de tentar identificar as transformações sofridas pela paisagem ao longo desses processos. Nessa dinâmica estão inseridas questões como essa que acabei de citar e que implicam o deslocamento, mesmo que temporário, de famílias durante o verão por diferentes motivos, mas que estão relacionadas de uma forma ou de outra com a intensificação do fluxo de pessoas que passam a frequentar o local nessa época. Problemas como o do caso relatado no parágrafo anterior também são bastante relevantes, pois observa-se que os participantes do Encontro de Carros de Som são muitas vezes moradores do próprio local ou de localidades vizinhas. Outro detalhe importante relacionado a esse deslocamento ao qual me referi será tratado no próximo parágrafo.

Grande parte das pessoas que entrevistei convergiram para respostas semelhantes quando questionadas sobre: “O que mais lhe agrada em Berlinque?”, muitos ressaltaram a tranquilidade do local e/ou a praia. Um interlocutor de origem alemã vive em Berlinque nos dias de hoje, ele me disse que a cada ano passa seis meses na Alemanha e o que mais lhe agrada é a praia, mas para o meu espanto, os seis meses que ele passa em Berlinque não compreendem a “alta estação”, ele diz preferir privar pela tranquilidade e pelo silêncio. No condomínio em que vive, existem cerca de vinte casas que, nos períodos de “alta estação” costumam ficar ocupadas.

Quando um imóvel é alugado em Berlinque, na maioria das vezes os ocupantes são veranistas, grupos de amigos ou famílias que estão em busca de um local para passar férias e de uma praia agradável. O que muitas vezes representa o lazer e o descanso de alguns, acaba se tornando a “dor de cabeça” de outros, como afirma um morador entrevistado. Alguns moradores se queixam bastante do barulho dos sons altos à noite, da quantidade de pessoas que frequentam a praia e da grande quantidade de lixo que fica jogado no mar, nas areias e nas ruas nesse período do ano. Questionei se o problema com o lixo está relacionado com a coleta da prefeitura, mas então me chamaram a atenção de que o grande problema consiste na falta de educação ambiental que os turistas em geral têm, mas em especial aqueles que frequentam Berlinque durante o verão. Um morador ressaltou, “... se as casas são alugadas, eles vêm e fazem o que querem”, se queixando do descaso dos veranistas em relação à preservação dentre outras coisas da higiene do local e da boa convivência com os moradores. Pude notar a presença de lixo nas praias e em algumas ruas ainda na “baixa estação”, durante o verão a quantidade de lixo é muito grande pois “não há uma educação ambiental para as crianças, os próprios pais largam todo o lixo na areia e se por acaso você for chamar a atenção eles ainda procuram briga com você”.

Além da enorme quantidade de casas disponíveis para aluguel, percebe-se também uma grande quantidade de lojas de matérias de construção. As casas que estão localizadas à beira-mar na sua maioria são casas de veranistas e condomínios fechados, as casas dos “nativos” estão localizadas mais ao centro, próximas à rodovia principal. Uma vez a caminho de Berlinque conheci um jovem no carro que faz o transporte coletivo que morava em Salvador, mas tinha comprado um terreno em Berlinque e já havia cercado. Relatou-me que o terreno foi invadido e construída uma pequena casa de madeira, esse era o motivo da vinda dele até Berlinque em pleno começo de semana.

Entrevistando outros moradores resolvi procurar saber quais as formas de posse da terra que existem ali. Fui informado que a maioria das casas não tem escritura e existe um número muito grande de invasões de terra na região. Reparei que o número de lojas de material de construção acompanhava a quantidade de casas sendo construídas.

Em outras ruas perpendiculares à rodovia principal no sentido oposto da praia pode-se notar tal crescimento da construção civil no local. As ruas nessa direção são ainda de barro em sua maioria, com grande parte das casas ainda sem reboco, onde podemos notar um crescimento desordenado e um iminente processo de favelização. Algumas características desse processo também podem ser notadas pela existência de um número grande de pontos de tráfico de droga, ou bocas de fumo. Alguns moradores (em sua maioria mulheres) ao serem indagados sobre questões relacionadas ao tráfico de drogas expressavam um aparente desconforto com relação ao assunto, mudando o rumo do diálogo rapidamente ou dando respostas rápidas e descomprometidas, de alguma forma isso me fez reavaliar a minha estratégia de abordagem passando a agir de forma mais cuidadosa ao investigar essa questão.

A violência é um assunto que tratarei em vários momentos no decorrer desse trabalho por ser um fato que apresentou bastante recorrência durante a pesquisa. Questões relacionadas às drogas foram comumente citadas, um morador local afirmou que em uma época ainda recente, por volta de 2011, haviam seis pontos de tráfico de drogas em Berlinque que disputavam pontos de venda. A respeito disso, me citaram o caso de um jovem assassinado na praia com quatro tiros no rosto devido à problemas relacionados ao tráfico. O craque é a droga mais comercializada no local, o que faz aumentar também o número de roubos e furtos principalmente à turistas nas épocas mais movimentadas. Nos próximos capítulos, dentre outras coisas, vou citar casos relacionados à violência ocorridos durante a década de setenta no cotidiano da colônia hippie e também em tempos mais recentes. Através de relatos de alguns dos meus interlocutores da pesquisa apresentarei diferentes perspectivas sobre um mesmo problema com freqüentes ocorrências na área que é o estupro.

Não tive a oportunidade de entrar em contato com nenhuma das autoridades locais para conversar sobre assuntos relacionados à violência, os postos policiais mais próximos ficam nas localidades vizinhas. Conversando com o dono de uma barraca de praia, ele me narrou um caso ocorrido durante o verão de 2010, em que alguns assaltantes ficaram na praia observando o movimento e esperando que o número de pessoas diminuísse, em seguida assaltaram o estabelecimento e levaram todo o dinheiro. Na barraca ao lado assaltaram os turistas e foram embora.

Durante o verão, policiais de Nazaré, Santo Antônio e Salvador são recrutados para aumentar o contingente na região, ainda assim casos como esse me pareceram muito comuns. No site da Polícia Civil do estado da Bahia identifiquei uma notícia relacionada à prisão de uma quadrilha que já havia roubado mais de 2 mil carros nas rodovias federais e estaduais da Bahia e que foram encontrados em Berlinque. Outra quadrilha de roubo de transportes de carga foi também presa pela Polícia Civil hospedados em uma pousada de Berlinque. São fatos recorrentes em várias áreas da Baía, mas essas notícias encontradas em fontes secundárias dão uma breve noção sobre algumas questões que preocupam os moradores da localidade.

Procurei investigar incidências de casos de violência com os meus entrevistados na medida que esses casos, quando ocorrem, influenciam fortemente no posicionamento que algumas pessoas assumem a respeito do local de acordo com as experiências que ali viveram. Cito esse como exemplo:

Éramos um grupo de quatorze jovens, nós nos destacávamos talvez naquele contexto por sermos vários gatinhos e gatinhas. No primeiro dia tomamos um doce e curtimos o dia inteiro. No outro dia pela manhã combinamos que uma parte da galera ia pra praia e a outra ia comprar cerveja. Um amigo nosso resolveu pegar o protetor solar uns 20 minutos depois e quando chegou, a casa estava completamente aberta com todas as roupas do andar de cima jogadas no andar de baixo, todas as carteiras juntas e abertas, tudo bagunçado. Fiquei com impressão de que estavam observando a gente porque foi muito pouco tempo, levaram todos os celulares, todas as câmeras, algumas roupas dos meninos, eles foram encima e fizeram a limpeza. Decidimos prestar queixa na delegacia de Bom Despacho e chegando lá o policial disse que tinha acabado o papel pra prestar a queixa e que não ia registrar e não registrou. (Entrevistado, Salvador, 2013).

O Brasil apresenta uma taxa elevada de criminalidade, principalmente aquelas relacionadas a crimes violentos como roubo e homicídio, esses problemas decorrem, em grande parte, da desigualdade social que acompanha o processo de urbanização do país. Lugares que antes eram paraísos naturais e populações com hábitos e costumes tradicionais tiveram suas rotinas alteradas, em muitos casos, em consequência do crescimento econômico não planejado e do turismo desenfreados. Na Baía de Todos os Santos não é diferente, durante as últimas décadas esses dois processos tem se intensificado produzindo uma série de desdobramentos conflituosos que acabam por comprometer a existência de populações tradicionais e das suas reproduções socioculturais. A Baía apresenta alta diversidade biológica associada aos remanescentes de Mata Atlântica, manguezais, restingas e áreas úmidas que são base da subsistência de centenas de comunidades ribeirinhas (BANDEIRA & BRITO, 2010). O entorno da Baía vem tendo os seus recursos naturais degradados a partir de atividades industriais (AGUIAR, 1991), das quais transformações ambientais surgiram comprometendo as populações que dependem diretamente dos recursos naturais, configurando realidades de conflitos socioambientais.

Esse aumento no número de grandes empreendimentos demanda crescente disponibilidade de mão de obra, além de gerar um forte aumento populacional, a falta de infraestrutura urbana, incluindo boas rodovias, hospitais e escolas públicas de qualidade dificultam ainda mais esse processo para as populações ribeirinhas ali já existentes. Mesmo Berlinque se encontrando na área de influência direta de algum desses grandes empreendimentos como outras localidades, ainda assim é impactada principalmente pelo aumento populacional que se desdobra em muitos outros problemas. Nas palavras de um morador local de Berlinque “a invasão da ilha foi tão terrível que isso aqui deixou de ser paraíso”. O contingente de trabalhadores dessas empresas que atuam na Baía é quase que em sua totalidade composto por homens, esse fato fez aumentar a incidência de casos de estupro, prostituição de menores e tráfico de drogas em toda a BTS. Não consegui relacionar os casos com os quais me deparei em campo com a atuação direta de nenhuma grande empresa, mas em Berlinque não é muito diferente de

outras localidades da Baía, casos de estupro foram muito citados e os impactos são evidentes no cotidiano das pessoas e nas transformações que cada local vem passando.

Meu amigo tinha casa lá em Berlinque. Ele me contou que há uns anos atrás estavam com um grupo de amigos em algum feriado por lá. Ao chegar, ele e duas meninas foram fazer uma fogueira na praia enquanto o resto do pessoal dormia. Chegaram dois caras armados, tiraram a roupa de meu amigo e amarraram ele, depois tentaram estuprar as meninas e com uma delas eu acho que rolou, mas ela não fala muito sobre isso. Deram uma coronhada nesse meu amigo, mas ainda assim ele entendeu como uma fatalidade que poderia acontecer com qualquer um, até que um ano depois saquearam a casa e dessa vez eu estava. Depois disso a família do meu amigo vendeu a casa. (Entrevistado, Salvador, 2013).

Fatos como este são determinantes para a formação do olhar do turista, experiências traumáticas fazem da viagem, que inicialmente se propunha desfrutar do lazer e da diversão aproveitando o tempo livre para o descanso de uma rotina desgastante de trabalho e da vida urbana, em um verdadeiro evento traumático. Ao questionar o que em Berlinque mais lhe atrai, a veranista que me narrou a história que citei acima me respondeu o seguinte: *“Nada, Berlinque hoje é pra mim um lugar de desova. Se eu for viajar, lá será a minha última opção”*.

Outro problema que identifiquei e que também está relacionado de alguma forma ao turismo em Berlinque é referente à LEI Nº 7.661, DE 16 DE MAIO DE 1988, do Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro. Os donos das barracas de praia não estão podendo vender, por exemplo, com cartão de crédito como forma de pagamento, isso prejudica os comerciantes principalmente nos meses mais movimentados e que geram mais lucros. Para garantir acesso a uma máquina de cartão de crédito é preciso estar com o alvará de funcionamento em dia. Em Berlinque a prefeitura não tem liberado o alvará para as barracas de praia que estão na iminência de serem demolidas assim como em outras demais localidades há mais de dois anos. Os condomínios e casas que compreendem também trechos inseridos no perímetro definido pela marinha, assim como em Salvador e demais regiões, não sofrem a mesma retaliação das prefeituras ou do governo. As barracas de praia são alguns dos estabelecimentos comerciais mais frequentados durante as altas temporadas, pelo fato da localidade ser pequena o comércio como um todo é mobilizado, contudo, sendo a praia o principal atrativo do local, as barracas desempenham um importante papel na atração de turistas para o local.

Em Berlinque só existe um camping, o qual já citei anteriormente, mas procurei saber de outros que por acaso pudessem haver na região e ninguém soube me informar nem em Aratuba e nem em Cacha Pregos. O camping tem uma grande área verde e gramada, se estende da rodovia principal até a praia e apresenta condições adequadas para os campistas que ai acorrem. A existência desse único camping em Berlinque é um fato curioso, pois desde a década de setenta recebe-se visitantes de diversas partes do mundo, muitos campistas frequentavam a colônia hippie sobre a qual trata o Capítulo 4, pernoitando em barracas ou em algum abrigo improvisado com palhas de coqueiro.

A prática do camping acampamento surge com a necessidade do homem em procurar abrigo e proteção das variações do tempo, do clima e dos animais. Com o

desenvolvimento dos centros urbanos o camping passa a ser uma atividade de lazer associada ao turismo. Essa atividade visa pôr os seus praticantes em um contato mais íntimo com a natureza, de forma que possa carregar consigo aquilo que lhe for necessário a sua sobrevivência. Há várias modalidades de camping, dentre elas está aquela que lhe fornece o mínimo de infraestrutura em meio a lugares de difícil acesso, nela é preciso levar todos os equipamentos e suprimentos. Outra forma de camping é o “acampamento de férias”, muito praticado nos EUA e em outros países, essa modalidade de camping funciona como uma colônia de férias com infraestrutura, como dormitórios e refeitórios, mas no Brasil existem poucos deste tipo. Há aqueles que buscam a prática do camping evitando ao máximo os desconfortos habitualmente relacionados à atividade. No caso de Berlinque os campistas chegam muitas vezes de carro e levam barracas, dessa forma podem carregar uma quantidade de coisas que reproduzem todo o conforto de um lar para uma área de camping, evitando os desconfortos relacionados ao mesmo.

O camping é um local onde se estabelecem barracas, tendas e outros equipamentos para a acomodação e proteção das pessoas, o equipamento de camping que mais se assemelha às moradias fixas do homem são os *motorhomes*, já mencionados nesse mesmo capítulo. O Código de Trânsito, de 1998, alterou a categoria exigida para quem conduz *trailers* e *motorhomes*. Hoje, dirigir um trailer⁵ exige habilitação na categoria E, a mesma dos motoristas das enormes carretas. Conduzir um *motorhome*, por sua vez, exige carteira de habilitação na categoria D, a mesma dos motoristas profissionais. Isso dificulta a comercialização desses veículos no Brasil e algumas empresas que alugam *trailers* tem colocado motoristas habilitados à disposição para o transporte devido ao fato de que a maioria da população não atende os critérios necessários para dirigir esses veículos. Nos EUA, o motorista de trailers e *motorhomes* não precisam de habilitação especial, o que aumenta em grande número a quantidade de famílias praticantes dessa modalidade de camping. Em Berlinque até os dias de hoje chegam *motorhomes* durante o verão, que em sua maioria são ocupados por estrangeiros.

Em uma das minhas primeiras visitas à Berlinque fui informado de que estavam ocorrendo manifestações exigindo melhoras na rodovia que parte da BA001, se estende de Tairú a Cacha Pregos e é chamada pelos moradores de Estrada de Cacha Pregos. No dia 19 de novembro deste ano foi publicada uma notícia no site Bocão News associada a essas manifestações e buscando contato com a prefeitura para obter satisfações A notícia começa com a seguinte frase: “*Uma vergonha para o turista*, disse a empresária Amanda Oliveira, de 35 anos, ao atravessar de carro a estrada que dá acesso à Tairu, Aratuba, Berlinque e Cacha Pregos na Ilha de Itaparica.”. No dia 25 de novembro deste mesmo ano encontrei uma notícia publicada neste mesmo site mostrando a resposta do prefeito a essas demandas. Segundo ele a competência para a revitalização da estrada é do Estado e não do município e as diligências estão sendo feitas ao governador e ao secretário de infraestrutura da Bahia. Durante os meses de verão o fluxo de carros aumenta bastante e toda atenção muitas vezes não é o suficiente, o índice de acidentes na BA 001 e na estrada para Cacha Pregos é grande e a situação do asfalto causa também lentidão no trânsito da rodovia.

5- A palavra "trailer" para os americanos se refere à carreta de transporte de carga, com 20 ou 30 metros de comprimento. Este nosso trailer, engatado e rebocado por automóvel de passeio, é chamado por lá de "travel trailer".

Durante os feriados de fim de ano a rodovia fica congestionada de carros, no ano de 2012 ocorreram engarrafamentos de Tairú até Cacha Pregos segundo alguns moradores. Problemas como esse defino como “pontos de estrangulamento”, são problemas que envolvem adequação de infraestruturas. A partir do momento em que os equipamentos disponíveis na localidade receptora de visitantes e turistas não atende adequadamente às crescentes demandas, novas associações se estabelecem em torno de situações que são consideradas problemáticas para o local como, por exemplo, os congestionamentos de automóveis, a eventual falta de luz e/ou água, poluição do meio ambiente e os demais problemas gerados pelo fluxo intenso de pessoas. O espaço sócio geográfico das comunidades é limitado e muitas vezes não comporta a capacidade de visitantes, ou seja, acaba gerando um uso intenso da localidade sem qualquer preocupação com sua capacidade de carga, o que ocasiona na saturação e degradação crescente dos bens naturais, sociais e culturais.

No verão, Berlinque também convive com mais um dos problemas citados acima. Com o calor intenso e aumento da demanda, o nível de água das fontes diminuem. Segundo os moradores locais é muito comum faltar água durante os feriados de final de ano, principalmente nos dias festivos da virada de ano. No réveillon de 2012 faltou água durante cinco dias, afirmou um morador descontente com a situação, causando muitos transtornos para população e visitantes: “tinha gente disputando até água de poça por ai, cinco dias sem água em pleno réveillon!”. Um transtorno desse tipo mostra que, juntamente com a crescente demanda que está associada ao crescimento populacional e ao turismo justamente nesse período, configuram um ponto de estrangulamento, exigindo que sejam traçadas novas estratégias para acompanhar o crescimento.

O problema com escassez de água na Ilha de Itaparica e no município de Vera Cruz é recorrente, a falta das chuvas esperadas a partir do final de março deste ano de 2013 se estendeu para além do verão. No dia 15 de abril a Embasa publicou no site da Ouvidoria Geral do Estado da Bahia o seguinte esclarecimento:

A falta das chuvas esperadas a partir do final de março aliada à alta demanda por água provocada pelo calor intenso que se estendeu além do verão foram fatores determinantes para baixar o nível da Barragem da Tapera, manancial que se encontra com 16% da sua capacidade total de acumulação. Esta barragem que, atualmente, abastece duas sedes municipais, 26 localidades da Ilha de Itaparica e um distrito do município de Jaguaripe atingiu nível de alerta e levou a Embasa a adotar a distribuição de água em regime de racionamento. A partir desta terça-feira (16), a oferta de água será reduzida em 50% na área atendida pelo manancial pelos próximos três meses. (EMBASA, 15/04/2013)

A Embasa definiu áreas de distribuição racionada para a Ilha de Itaparica separando as áreas mais populosas das menos populosas. As áreas mais populosas receberam água por dois dias consecutivos e um dia sem fornecimento, as menos populosas, dentre as quais está Berlinque, tiveram um dia com fornecimento e dois sem.

6-Disponível em: <http://www.ouvidoriageral.ba.gov.br/tag/vera-cruz/>. Acesso em 02.12.2013

O anúncio solicita também que a população adote um consumo racional da água evitando o desperdício. Nesse mesmo site⁶ outras notícias foram publicadas em 2013 com referência ao interrompimento da distribuição de água para o município de Vera Cruz devido a serviços de manutenção da Embasa. Esses problemas causam transtornos para a população local, turistas e comerciantes, sendo que, apesar de estar categorizada como uma localidade pouco populosa, a Embasa não leva em consideração o elevado crescimento populacional de Berlinque e o fato de que algumas pequenas localidades recebem um número muito maior de visitantes durante certos períodos do ano.

É importante destacar outro fator determinante para a visita de Berlinque e demais localidades vizinhas que é a questão do acesso. De Salvador para Vera Cruz a travessia marítima é feita por lanchas de duas empresas licitadas. Segundo informação do site da Agerba⁷, o transporte entre Salvador e Vera Cruz nunca foi regulamentado pelo Governo da Bahia. No dia 25 de abril de 2012 foi realizada a concorrência pública para licitação do sistema de travessia marítima entre Salvador (Terminal da Avenida da França) e Vera Cruz (Praia do Duro), que foi vencida pelas empresas Vera Cruz Transportes e Serviços Marítimos e a CL Empreendimentos. De acordo com o diretor executivo da Agerba as licitações garantiriam a regularidade dos serviços e passaria a haver uma fiscalização sobre os mesmos. A Codeba (Companhia das Docas do Estado da Bahia) também participou na reforma dos terminais marítimos.

A travessia Salvador- Vera Cruz tem os seus horários de funcionamento alinhados com as variações da maré, em marés muito secas o sistema é interrompido porque se torna inviável, nessas ocasiões muitas vezes formam-se filas demoradas e muitas pessoas optam pelo ferryboat como alternativa, mas que desagrada também os passageiros pelo estado de sucateamento das embarcações. Atualmente, o transporte é realizado por 12 lanchas que transportam diariamente quatro mil passageiros, chegando a dez mil por dia durante a alta estação⁸. As informações disponibilizadas no site da Agerba e na página do *iBahia*, mostram que o número de pessoas que fazem a travessia mais do que dobra durante o verão, nesses períodos fica claro a falta de equipamentos e terminais de embarque adequados para atender às demandas da população, filas imensas se formam ao longo do Terminal da França, no bairro do Comércio em Salvador e no terminal marítimo de Mar Grande, o ferryboat já vem sendo a anos alvo de críticas devido ao mal funcionamento e atendimento das demandas. Apesar das deficiências apontadas, a travessia por lancha constitui ainda a maneira mais fácil de atravessar.

Durante os períodos de baixa estação não se vê tanta dificuldade em chegar a Berlinque, tanto na travessia marítima como no trecho pela estrada o meu acesso e regresso foram regulares e sem excesso de pessoas e tumulto em ambas as vias. Algumas vezes pode-se encontrar transtornos em decorrência da maré estar baixa como já mencionei, causando mais dificuldades ainda em caso de feriados, como noticiado pelo site do jornal A Tarde, por exemplo:

Após o feriado de São João, quem pretende retornar para Salvador de lancha, nesta segunda-feira, 24, vai encontrar dificuldade. Isso porque a saída de embarcações do terminal de Vera Cruz está suspensa até as 12 horas em decorrência da maré baixa. Nessas condições, não há profundidade suficiente para fazer as manobras necessárias no

Considerarei importante relatar os principais transtornos relacionados às formas de acesso à Berlinque, pois são essas formas de acesso que possibilitam o trânsito de visitantes e moradores. A partir do momento que o fluxo de pessoas aumenta e essas vias de acesso não apresentam bom funcionamento, começam a surgir os problemas para a população. Vale lembrar também que são essas vias de acesso que possibilitam o transporte de pessoas para cuidados de saúde em Salvador, já que o sistema de saúde do local e das redondezas deixa muito a desejar.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi em relação a que tipo de usos os moradores locais fazem dos recursos naturais nos dias de hoje. Através de entrevistas com antigos moradores pude ter uma noção de como se fazia para sobreviver por meio da caça e da pesca em tempos passados. Berlinque desde as suas origens sempre foi um povoado de pescadores, na atualidade nem os próprios moradores classificam a localidade dessa forma, apesar de toda a tradição de pesca, em razão das grandes transformações ocorridas ao longo das últimas décadas.

Nos dias de hoje, como já citei anteriormente, a população local é amparada pelo defeso de camarão, robalo e lagosta. Se trata de uma assistência financeira temporária concedida ao pescador profissional que exerça sua atividade de forma artesanal, individualmente ou em regime de economia familiar, ainda que com o auxílio eventual de parceiros, que teve suas atividades paralisadas no período de defeso. Em diversas localidades as associações de pesca exercem um papel fundamental em relação à parte administrativa para obtenção do auxílio defeso, assim como na fiscalização das práticas dos pescadores atentando para a interrupção obrigatória da pesca de determinadas espécies no período reprodutivo. Contudo, esta fiscalização não existe em Berlinque segundo um pescador que entrevistei.

Com a ajuda de um dos meus interlocutores pude ter acesso a fotos antigas da praia de Berlinque, a intenção era além de utilizá-las como ferramentas para aguçar a memória dos meus entrevistados, poder fazer uma comparação com algumas fotos dos dias atuais buscando notar as transformações ocorridas na paisagem. Percebi que as construções à beira mar em sua maioria são casas de veraneio, condomínios e barracas de praia, enquanto a população “nativa” se estabelece mais ao interior da localidade como era no passado conforme registro fotográfico e narrativas dos interlocutores. Um dos meus entrevistados que viveu em Berlinque durante a década de 70 afirma que naquela época as áreas à beira-mar eram de mata atlântica preservada e a comunidade também se estabelecia um pouco mais afastados da costa. Quase todos os barcos que registrei são feitos de madeira, visualizei apenas um barco de fibra dotado de motor ancorado próximo à praia.

Um detalhe interessante da costa marítima de Berlinque é que ela é toda cercada por um cordão de arrecifes de corais que se estende desde Aratuba até o final da praia

7- Agência Estadual de Regulação de Serviços Públicos de Energia, Transportes e Comunicações da Bahia

8- Disponível em: <http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/duas-empresas-vencem-licitacao-da-travessia-maritima-salvador-vera-cruz/>. Acesso em 10/11/201

9-Disponívelem: <http://atarde.uol.com.br>

configurando uma espécie de cerco. Essa barreira é importante para a reprodução de espécies e se trata de uma formação natural favorável à presença de peixes, crustáceos e moluscos, portanto favorável a pesca, principalmente de lagosta. Esta relação faz com que o principal veículo de pesca sejam canoas de madeira, pois não há necessidade de se distanciar tanto da praia para encontrar um bom lugar de pesca. As águas próximas à costa que se encontram dentro desse cerco formado pelos corais são ótimas para banho e muito apreciadas por moradores e turistas.

Nesse capítulo tentei inicialmente expor alguns aspectos relativos à disponibilidade de infra-estrutura e equipamentos de serviço, visando, assim, caracterizar o cenário que se apresenta no do local que escolhi realizar o presente estudo. Procurei, assim, arrolar as informações que considero mais relevantes para compreender quais associações estão sendo estabelecidas entre os atores envolvidos na dinâmica do local com relação às transformações ocorridas como resultado da presença de veranistas e turistas inseridos nesse contexto. Conflitos, “pontos de estrangulamento”, impactos socioambientais dentre outros temas foram abordados na intenção de esclarecer certas questões propostas na pesquisa através da perspectiva dos atores e da minha atividade em campo. Não identifiquei por parte dos moradores locais nenhuma iniciativa com respeito à preservação e/ou resgate das suas memórias culturais como, por exemplo, um povoado relativamente próximo chamado Matarandiba, onde os moradores locais fundaram uma associação cultural voltada exclusivamente para a preservação e reprodução das tradições locais. Em Berlinque não há uma associação bem articulada e as demandas exigidas são em sua maioria relacionadas à estrutura, rodovia, água, energia, segurança etc.

No próximo capítulo traçarei resumidamente um panorama de alguns tipos de viagens praticadas por diferentes povos ao longo dos anos até o surgimento do turismo e, por fim, alguns tipos de viagens praticadas na década de 1970 sendo a principal delas relacionada ao movimento *hippie*. Pretendi citar autores que trabalharam com essa temática no caso de estudos futuros mais aprofundados sobre o tema. Quero situar a leitura do ponto de vista etnográfico para que seja possível ler o capítulo posterior tendo em mente a compreensão que possibilite um melhor entendimento de quem eram as pessoas que frequentavam Berlinque no contexto da década de 1970.

3. VIAGENS E TURISMO

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente.
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!
(PESSOA, Fernando,
1980, p.184)

A prática das viagens não é um costume exclusivo do ocidente, e tampouco os países pós-coloniais ou em desenvolvimento são os únicos campos de estudo para os antropólogos dedicados a compreender o turismo (GRABURN, 1983b; Nash 1996). Nash (1981, p.463) utiliza-se de uma expressão denominada de “prototurismo” - para designar as várias formas de viagem não institucional em culturas não modernas, (COHEN, 1981, p.469) - como ocorrido na Grécia e na Roma antiga, respectivamente nos séculos VIII a.C e II a.C a II d.C.

Na Grécia os cidadãos conferiam outro sentido ao ócio, enquanto que trabalhar era uma ocupação para os escravos e as classes mais baixas, a classe dominante grega dedicava o seu tempo livre à cultura, às diversões, à religião e realizando viagens dentro do território grego para consultar os oráculos, participar dos festivais e das competições esportivas como as olimpíadas, que era responsável pelo deslocamento de inúmeras pessoas de diferentes localidades da Grécia para o seu centro religioso, Olímpia (RUIZ; ARMAND, 1998). As viagens para além das fronteiras da Grécia eram repletas dos mais variados riscos tais como, assalto, naufrágio e pirataria. Após sucumbir a Roma, algumas características da cultura grega foram copiadas, como a do entretenimento, dos espetáculos teatrais, santuários e templos, além do deslocamento para o campo ou para o litoral nos períodos de veraneio.

Um período de paz conseguido pela força das armas denominado *pax romana* possibilitou uma maior utilização das viagens para outros fins que não a guerra, mas o sistema de caminhos era traçado em função dos movimentos do exército romano. Esse aspecto facilitou muito as viagens, mas não pôde eliminar os principais riscos que eram a pirataria e a bandidagem, deixando bastante a desejar em relação às necessidades dos ‘turistas’. Entre os romanos mais ricos, a viagem fazia parte da educação dos filhos, era muito comum que fossem enviados para Atenas e Rodes, os principais centros acadêmicos da época. Os jovens tinham contato com línguas, literatura, muitas cidades históricas e ilhas gregas, lugares de grande interesse histórico e cultural. Essas viagens empreendidas pelos romanos podem ser consideradas como precursoras do *Grand Tour* europeu que tratarei logo adiante. Com o fim do Império Romano as viagens reduziram-se significativamente em função do demasiado aumento da possibilidade de riscos, devido à queda da atividade comercial e da condição econômica dos abastados romanos (BRITO, 2005)

Do século XI ao XVI ocorreram peregrinações responsáveis pelo deslocamento contínuo de multidões para Santiago de Compostela, Roma, Meca, Terra Santa, Canterbury etc. Tais peregrinações, que misturavam quase sempre devoções religiosas com cultura e prazer (URRY, 1996) foram responsáveis pela criação de um grande número de hospedarias, fazendo de Veneza um centro turístico no final da Idade Média

por causa dos peregrinos que ali passavam com destino à Jerusalém. No século XV passam a ocorrer também as grandes expedições realizadas principalmente por portugueses, espanhóis e ingleses.

Em meados do século XVI os filhos aristocratas ingleses eram estimulados a fazer viagens de em média dois anos ao continente europeu, a intenção era que entrassem em contato com o cotidiano e a cultura dos povos de outros países como uma complementação dos estudos, para adquirirem aprendizado e experiências de vida necessários àqueles que mais tarde viriam a fazer parte da classe dirigente inglesa. A institucionalização de novos gostos entre as classes mais abastadas, a proliferação de meios de hospedagem e o surgimento e disseminação dos livros de orientação, que mais tarde nas décadas finais do século XVIII com a revolução industrial passaram a ser os guias impressos, aliados ao desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação permitiram uma maior acessibilidade ao deslocamento turístico possibilitando que cada vez um número maior de pessoas viajassem.

Viajar implica um deslocamento de ideias e corpos, dessa forma, o viajante “é um intermediário; ele coloca em comunicação lugares que se encontram separados pela distância e pelos hábitos culturais” (ORTIZ, 1997, p.32). Com o passar do tempo as viagens foram se modernizando cada vez mais na medida em que os meios de transporte e comunicação se desenvolviam rapidamente, diferentes lugares e culturas se tornaram mais acessíveis e diferentes gostos e predileções foram se desenvolvendo no tempo e espaço. A revolução industrial e suas implicações tiveram um papel fundamental no desenvolvimento do turismo e no fato de torná-lo acessível a um grande número de pessoas. Com as lutas do proletariado por jornadas de trabalho menores e tempo livre, com o passar do tempo as viagens vieram assumindo outro papel social nas sociedades capitalistas modernas, não mais as longas viagens do *Grand Tour* em busca de experiências e formação pessoal dos jovens aristocratas ingleses, mas sim as viagens recreativas de férias ou finais de semana em busca de uma fuga da rotina massacrante do trabalho, daí começa a surgir de fato o “turismo”. Segundo o historiador Peter Burke (1996, p.9) “Os termos “turismo” e “turista” [...] que derivam do *Grand Tour*, expressão do século 17, já eram correntes em inglês no começo do século 19, sugerindo que já grassava a moda da viagem recreativa.

A viagem representou diferentes papéis em sociedades distintas ao longo da existência humana. Para todos esses papéis, sejam as viagens para exploração comercial de riquezas, para conhecer novas culturas, por sobrevivência e recursos naturais, com fins científicos, peregrinações religiosas ou o próprio turismo de massa, há por trás de cada um, personagens correspondentes. Dessa forma não se pode deixar de salientar que o desempenho do ofício de antropólogo está também bastante associado ao ato de viajar, tanto na realidade como de forma figurada. A história da humanidade está intimamente ligada às viagens empreendidas pelos mais diferentes povos desde os tempos mais remotos, como afirma Octávio Ianni em *A metáfora da viagem*:

A história dos povos está atravessada pela viagem, como realidade ou metáfora. Todas as formas de sociedade, compreendendo tribos e clãs, nações e nacionalidades, colônias e impérios, trabalham e retribuem a viagem, seja como modo de descobrir o “outro”, seja como modo de descobrir o “eu”. É como se a viagem, o viajante e sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e o que não se sabe, o

conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual. [...] Mesmo os que permanecem, que jamais saem do seu lugar, viajam imaginariamente ouvindo histórias, lendo narrativas, vendo coisas, gentes e signos do outro mundo. (IANNI, 2000, p.13-14)

Falar do viajante é falar de homens que se esforçaram para ultrapassar a fronteira do familiar, cruzaram a soleira de suas portas fazendo-se partícipes de uma pluralidade de *encontros* (SILVA, 2011). Trata-se de uma forma de mobilidade que é diversa, que conjuga em seu fluxo não só indivíduos, mas também objetos, imagens e informações. A viagem torna-se então parte integral de uma “nova ordem social”, que nos fornece uma nova chave para a leitura de um mundo que se encontra cada vez mais conectado. Não sou a favor de interpretar uma realidade etnográfica através de tipologias previamente formuladas, mas ainda assim considero importante expor algumas como as de Cohen (1995), que nos fornece uma tipologia útil quando se deseja estabelecer correlações entre o comportamento turístico e toda sorte de impactos que cada um deles pode ocasionar no modo de vida das pessoas, no meio ambiente dos locais visitados ou na composição do perfil do praticante do ecoturismo, que será tratado nos parágrafos seguintes. Os dois primeiros integrantes dessa tipologia estão relacionados aos viajantes institucionalizados e mais atrelados aos suportes turísticos já implementados, são eles o turista de massa organizado e o turista individual de massa.

O turista de massa organizado adquire pacote como quem estivesse comprando qualquer outra mercadoria, seus roteiros são pré-determinados e qualquer decisão fica a cargo do organizador da viagem, esse viajante pouco experimenta de novidade. O turista individual de massa é aquele que embora tenha certo controle sobre o seu tempo e itinerário, as principais decisões são tomadas ainda pela agência de viagens, ocorre eventualmente contato com a população dos destinos turísticos aumentando o grau de novidade experimentada, mas a familiaridade continua predominante. Essa tipologia não se adéqua à realidade de Berlimque, onde o turismo não é regulado por agências de turismo.

O explorador e o mochileiro são os outros dois tipos ideais definidos por Cohen. O explorador planeja sua própria viagem tentando evitar ao máximo as atrações turísticas, procura também falar a língua das pessoas dos locais, mas não se integra completamente àquele cotidiano conservando algumas rotinas e confortos básicos do seu estilo de vida. Por fim o mochileiro, aquele que planeja por completo a sua própria viagem afastando qualquer possibilidade de ligação com o sistema turístico além de considerá-lo inautêntico, mergulha na cultura do local visitado partilhando abrigo, alimentos e costumes, o grau de novidade chega ao ponto mais alto enquanto que a familiaridade quase que desaparece.

A tipologia apresentada por Cohen é importante para perceber possíveis relações entre novidade e familiaridade, porém, chamo a atenção para a importância do trabalho etnográfico. Cohen traça uma tipologia fechada que se aproxima de um tipo ideal, mas a realidade etnográfica de cada localidade no período em que está sendo estudada não deve remeter diretamente a nenhuma tipologia, pois a cada realidade e cada experiência de contato entre populações locais e visitantes, novas associações se estabelecem às quais não podem ser analisadas através de antigas premissas ou tipos ideais, mas sim por meio da prática etnográfica. A compreensão do papel dos mochileiros é importante

para perceber quem eram os viajantes que costumavam frequentar a praia de Berlinque durante a década de setenta, assim como as implicações socioambientais desse contato.

O ecoturismo aparece como uma opção viável para o turismo de massa, que se caracteriza por atrair turistas em bandos, degradando e saturando os destinos sem tomar conhecimento da população local visitada e correndo contra o tempo para visitar o maior número de lugares no menor tempo possível. Inicialmente o ecoturismo consistia em viagens de contemplação da natureza trazendo de volta o encantamento da natureza degradado e dominado pelo turismo de massa, alguns autores acreditam que essa forma alternativa de turismo possa resgatar o sentido da viagem seletiva com fins educativos, como as do *Grand Tour* no século XVI e XVII (BARRETO, 1998). Porém, o turismo ecológico vem também carregado de inúmeras críticas desde que passa a ser empreendido com fins lucrativos transformando locais isolados e preservados juntamente com sua população local em mercadorias e ocasionando muitas vezes o deslocamento temporário ou permanente dos moradores desses novos destinos turísticos.

A criação dos dois primeiros parques nacionais nos EUA (Yellowstone e Yosemite) atraiu os visitantes pioneiros dessa modalidade de turismo ecológico, segundo Western (1995, p.15) “se constituíram nos primeiros ecoturistas” os visitantes dessas primeiras áreas de conservação. O movimento de contracultura dos anos 60 que questionava os valores vigentes e pregava o modo de vida em comunidades alternativas também contribuiu nesse processo acarretando o deslocamento de muitas pessoas, inclusive jovens, para diversas partes do mundo, dentre estas, o Brasil e a Bahia.

Sabe-se que o mochileiro é um viajante independente, que organiza suas viagens por conta própria, dando ênfase ao conhecimento, aventura e diversão. Geralmente, utiliza meios de hospedagens mais econômicos e costuma fazer viagens mais longas. Os mochileiros em sua ampla maioria são jovens, que, com pouco dinheiro, querem conhecer o mundo. Seu transporte geralmente é realizado através de carona, ônibus ou mesmo a pé.

De acordo com o site MochilaBrasil (<http://mochilabrasil.uol.com.br/>), maior portal brasileiro da Internet sobre turismo alternativo, a cultura *backpacker* ou mochileira originou-se da Geração Beatnik, nascida nos Estados Unidos. Formada por escritores e artistas, que vieram a constituir um dos mais significativos movimentos literários do século XX, introduziram a palavra liberdade à sociedade americana das décadas de 50 e 60. Os beatniks não se identificavam com os soldados nem com os jovens empresários da época da 2ª Guerra Mundial. Não acreditavam em empregos normais, lutavam para sobreviver e viajavam como pudessem. O escritor norte-americano Jack Kerouac é o ícone da Cultura Beatnik e autor do livro *Ontheroad*, bestseller que influenciou várias gerações a “caírem na estrada”.

O estilo de realizar viagens econômicas usando mochilas e percorrendo diversos caminhos por longos períodos de tempo, modificou-se após a Segunda Guerra Mundial, quando jovens europeus e norte-americanos, chamados *drifters*, começaram a fazer viagens pedindo carona, cada qual em seu continente (OLIVEIRA, 2005). Os *drifters* são os viajantes que não planejam nada com antecedência, seguem sem rumo definido, são extremamente econômicos e correm riscos maiores. Cohen (1973) afirma que o

fenômeno *drifter* refere-se, às vezes, às viagens *hippies* dos anos 1960 e 1970 e Oliveira (2005) complementa ressaltando que os jovens viajantes começaram a explorar locais periféricos como forma de contrariar a política ocidental dominante. Alguns estudos da área do turismo afirmam que um dos motivos pelo qual o segmento dos mochileiros é pouco explorado no Brasil é pelo fato de o mochileiro na maioria das vezes ser comparado ao *hippie*, na área do turismo a abordagem em relação aos mochileiros é a de que:

Observa-se também diversos preconceitos em relação a eles [os mochileiros], tanto do poder público e privado quanto da sociedade, o que também influencia na decisão de não investir no turismo mochileiro (ou backpacking tourism, como é denominado no exterior). Porém a imagem que se tem no Brasil a respeito dos mochileiros é a do *hippie*. (SAWAKI, 2010)

O mochileiro que se auto identifica como *hippie* carrega consigo ideologias associadas às causas defendidas pelo movimento de contracultura. O mochileiro *hippie* configura um grupo de viajantes alternativos de todas as idades, nacionalidades e classe sociais possíveis, que amam sair de suas casas, atravessar fronteiras de países ou mesmo de estados, conhecer locais e pessoas de culturas diferentes, por meio de uma forma totalmente aventureira e enriquecedora. Esses viajantes querem ter independência para escolher quais os atrativos a serem visitados, o tempo de permanência em cada local, os meios de locomoção a serem utilizados, os locais de hospedagem e o percurso a ser seguido. Não estão preocupados com luxo e conforto, mas sim com segurança, sobrevivência e praticidade. Seus recursos financeiros privilegiam o mínimo de despesas em hospedagem, transporte e alimentação, em benefício de atividades que lhes proporcionem prazer ou prolongamento do período de viagem. Uma pesquisa realizada em 2001 na Austrália⁹, país onde a cultura mochileira é muito forte, confirmou estas características e apresentou as razões que levaram os turistas a escolher esse estilo de viagem: aspecto econômico, oportunidade de conhecer outras pessoas, experiência mais realista, prolongamento do tempo de viagem, independência, flexibilidade, experiência prévia como mochileiro e aversão aos pacotes turísticos comerciais. Muitas vezes e em diversos lugares do mundo esses viajantes alternativos se fixam em determinados locais característicos pela natureza abundante e pelo distanciamento dos centros urbanos afim de levarem uma vida em comunidade e interação com a natureza. O uso de substâncias psicoativas é bastante comum entre os *hippies*, as experiências de verticalização¹⁰ e transcendência são ritualísticas em comunidades *hippies* e tive a oportunidade de conhecer algumas histórias desse tipo que se passaram na Colônia Hippie de Berlinque, cuja existência busco reconstruir neste estudo.

Na Bahia as principais comunidades alternativas foram a de Berlinque e Arembepe, sendo que só a segunda permanece até os dias de hoje com cerca de 40 cabanas, onde moram, aproximadamente, 80 pessoas. As moradias oferecem hospedagem para turistas e espaço para camping. A aldeia possui um centro de artesanato, restaurante e escola para as crianças que moram no local¹¹. No presente trabalho pretendo investigar como era a vida das pessoas que moravam e/ou frequentavam a Colônia Hippie de Berlinque, quais as suas relações com a população local e com os recursos da natureza, os motivos que levaram ao seu fim e de que forma a localidade passou a ser visitada, quais novas associações se estabeleceram entre comunidade local e visitantes.

A rotina do trabalho e da vida diária nos grandes centros passou a sufocar os sujeitos, realidade que muitas vezes, para ele, apresenta-se como algo constrangedor. O

ato, portanto, de pôr a mochila nas costas e fazer um *world tour* parece configurar-se como uma resposta a um processo de rotinização que mecaniza ou esteriliza os sujeitos. A ideia da viagem como instrumento de aquisição do conhecimento, assim como caminho para a autoreflexão, também figura como um dos principais elementos motivadores do deslocamento. Sair do seu ambiente familiar e da sua rotina e partir para uma viagem independente põe o sujeito inevitavelmente em contato com ele mesmo (SILVA, 2011).

Toda e qualquer viagem não pode estar desvinculada de um aspecto essencial que é a hospedagem, entre os mochileiros é bastante comum a prática do camping mesmo não estando vinculada às áreas de camping privadas. Durante as décadas de 60 e 70 o movimento de contracultura iniciado nos EUA teve grande influência em várias partes do mundo como já foi mencionado, dessa forma, muitas pessoas puseram a mochila nas costas e saíram das suas casas em busca de novas experiências e de um modo alternativo de levar a vida ao existente nos grandes centros urbanos. Muitos desses viajantes comumente se fixavam em certos lugares e ali permaneciam. Aos poucos novos viajantes vinham se agregando e transformando o local em uma colônia, onde o estilo de vida alternativo e em comunidade se dá intercambiando culturas de diversas partes do mundo entre si e com a comunidade “nativa” ali já estabelecida.

Além dos campings, sobre o qual já falei anteriormente, outra forma de hospedagem muito utilizada pelos mochileiros e que se disseminou pelo mundo são os *hostels*, se trata de um tipo de acomodação característico pelos preços mais acessíveis e pela socialização dos hóspedes que surgiu no início do século XX. Os quartos são compartilhados e compostos por várias camas ou beliches. A indústria dos *hostels* em cresceu e se tornou um forte modelo de negócio, em alguns lugares tem se tornado mais lucrativos que os próprios hotéis levando-se em consideração que os viajantes mochileiros (*backpackers*) que preferem se hospedar em albergues gastam mais que os viajantes normais, ao considerar-se o maior tempo que permanecem no local. Esse tipo de acomodação é conhecida no Brasil como albergue e são um espaço de intercâmbio cultural riquíssimo que carece de estudos antropológicos. Na localidade de Berlim não há nenhum albergue, apenas um camping e algumas pousadas.

Da mesma forma que a antropologia carece de estudos sobre os *hostels*, encontrei uma lacuna nos trabalhos antropológicos relacionados ao nomadismo hippie, ou etnografias sobre colônias hippies. Talvez pelas minhas limitações no tempo dessa pesquisa, as formas de deslocamento empregadas pelos mesmos, suas ocupações e toda a dinâmica que se estabelece em torno dessa atividade e estilo de vida, busquei nesse trabalho encontrar um equilíbrio entre os pólos das teorias e da prática etnográfica tentando na medida do possível conciliar ambos. Esse capítulo tem a intenção de mostrar como a prática das viagens se transformou com o passar dos anos nas sociedades ocidentais até o momento em que o movimento hippie entra em cena. No capítulo seguinte me dedico a produzir uma etnografia a respeito da Colônia Hippie de

9-TOURISM AUSTRALIA. Disponível em: www.tourism.australia.com Acesso em: 9/11/2013

10- A expressão verticalização se refere a formas de alteração da consciência através do uso de substâncias psicoativas, como citada por Ruth Benedict em *Padrões de cultura* (1934) quando se referiu às experiências xamânicas de povos pueblos da América Central ao ingerirem o chá feito com *peyote*.

11- Informação retirada do site <http://bahia.com.br/atracao/aldeia-hippie/> acesso em 13/11/2013

Berlinque na década de 70, utilizando histórias de vida que retratem aspectos do cotidiano das pessoas naquela época.

[...] novas análises e reanálises virão para comprovar a fecundidade teórica do trabalho etnográfico. Elas certamente irão reforçar a convicção central dos antropólogos: de que a prática etnográfica — artesanal, microscópica e detalhista — traduz, como poucas outras, o reconhecimento do aspecto temporal das explicações. Longe de representar a fraqueza da antropologia, portanto, a etnografia dramatiza, com especial ênfase, a visão weberiana da eterna juventude das ciências sociais. (PEIRANO, 1995, p.54)

Além do livro de Mariza Peirano, *A favor da etnografia* (1995), do qual o trecho acima é cotejado, a autora produziu diversos textos em que defende o método etnográfico como a excelência da disciplina antropológica. Nesse livro ela mostra que a pesquisa de campo atualiza a teoria acumulada, refinando seus conceitos, e que, por mais artesanal que a pesquisa de campo pareça ela desafia os conceitos da teoria social,

Se é verdade que técnica e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada, quando desafia os conceitos estabelecidos pelo confronto que se dá entre i) a teoria e o senso comum que o pesquisador leva para o campo e ii) a observação entre os nativos que estuda. Assim, para utilizar Evans-Pritchard como exemplo paradigmático, não há teoria (antropológica) de Evans-Pritchard, mas a teoria sobre bruxaria que nasceu do confronto entre i) a bagagem intelectual europeia de Evans-Pritchard (incluindo aí seus conhecimentos antropológicos e o conceito folk-europeu de bruxaria) e ii) o interesse dos Azande em explicar seus infortúnios. (PEIRANO, 1995, p.8)

Espero que esse capítulo tenha atingido o seu objetivo de contextualizar minimamente o papel do mochileiro e do movimento hippie na história. Além disso, espero ter chamado a atenção para a importância de estudos da área da antropologia sobre as mais diversas modalidades de viagens e turismo, como um campo rico, mas carente de estudos apesar da crescente valorização da área. Com isso, a partir do próximo capítulo tratarei dos principais relatos sobre a Colônia Hippie de Berlinque enfatizando o modo de vida na Colônia, quem eram os seus frequentadores e quais os principais problemas apontados pelos meus interlocutores por meio de relatos de histórias de vida coletadas nas entrevistas

4. COLÔNIA HIPPIE- TRANSFORMAÇÕES E PERFORMANCES

Como diz o velho provérbio hippie: “hoje é o primeiro dia do resto da minha vida” (COELHO, Paulo)¹²

No intuito de produzir um trabalho etnográfico que focalize os aspectos relacionados ao turismo na praia de Berlinque e as suas transformações mais relevantes, senti a necessidade de investigar a existência ou não de uma colônia hippie nos anos 70 que teria se tornado um importante atrativo para visitantes de diversas nacionalidades. O movimento hippie foi um movimento de contracultura que se iniciou nos Estados Unidos a partir dos anos 1960, mas só chegou ao Brasil a partir da década de 1970, o nomadismo e o modo de vida comunitário são duas de suas demais características. Meus principais interlocutores e pesquisa foram pessoas que viveram ou estiveram por algum período na Colônia Hippie, que trazem evidências de grande importância sobre sua existência por meio de relatos e histórias de vida; pessoas nascidas no local que ainda residam no local, novos moradores, veranistas e antigos veranistas.

Um dos meus interlocutores conheceu a praia de Berlinque por volta de novembro de 1973, lá encontrou um pescador pobre, nascido em Valença e que ali havia se estabelecido em uma cabana feita de bambu, com telhado de palha e construída na praia próxima ao mar (como pode ser vista foto em Anexo 3). O nome desse pescador era Almério, mais tarde conhecido como My Friend. Viajantes de diferentes nacionalidades traçavam rotas ao redor do mundo carregando uma ideologia fortemente disseminada na época, em busca de novas experiências e de vida em comunidade fundaram em diversos lugares colônias hippies, sempre localizadas afastadas dos grandes centros urbanos e dos valores tradicionais da sociedade capitalista. Em Berlinque olhando-se para o horizonte é possível avistar a cidade de Salvador, suas luzes durante a noite e seus prédios durante o dia. A tranquilidade do lugar, a sua localização e belezas naturais além de diversos outros fatores fizeram de Berlinque um lugar propício para o estabelecimento de uma colônia hippie durante a década de 1970.

Nos anos de 1970 as pessoas que se identificavam como hippies eram em geral seguidores de uma ideologia que teve o seu berço no movimento de contracultura norte-americano iniciado nos anos de 1960. Destaco aqui a presença de um escritor que morou na colônia, Nelson Varón Cadena, viajante hippie que veio de Bogotá e viveu por quase cinco anos em Berlinque. Seu livro de crônica hippie, denominado *A viagem: Uma crônica hippie dos anos 70*, uma fonte de extrema importância para este trabalho enriquecendo-o com suas experiências. A medida em que desenvolvo este capítulo farei referência ao livro algumas vezes, o que auxiliará na compreensão de alguns aspectos que relacionados ao cotidiano na colônia e aos diferentes tipos de relações que eram estabelecidas entre diferentes atores, assim como expressa caricaturalmente o viajante mochileiro de ideologia hippie que busquei caracterizar no capítulo anterior.

Berlinque era um pequeno povoado de pescadores com uma população em torno de duzentas pessoas. O desenvolvimento urbano e o crescimento populacional não

12- Provérbio hippie. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/paulocoelho/2007/12/26/refletindo-sobre-o-passado/> Acesso em: 25/10/2013

afetavam a população local naquela época de modo que o local era considerado para muitos viajantes um paraíso hippie, gerando com isso diversas implicações, dentre elas, o intercâmbio cultural e novas associações, o que configuram o foco dessa investigação.

Destaco a narrativa do viajante hippie a cujo livro de crônicas me referi acima, busco reconstruir o contexto e momento da Colônia Hippie em Berlimque:

[...]deixei a minha terra, Bogotá, para empreender uma longa viagem. Com uma mochila nas costas e nenhum dinheiro no bolso, nesse mesmo dia me vi na fronteira com o Brasil, país que escolhera para realizar minha intenção de viver com os índios, deixar para sempre a sociedade de consumo e reinventar a vida a partir de coisas simples. Uma maneira ingênua de ver o mundo. (CADENA, Nelson Varón, 2004)

É verdade que, o autor citado acima juntamente com as suas experiências de vida, podem dar origem a uma biografia etnográfica de grande valia. O roteiro dos inúmeros lugares que percorreu em diferentes países de América Latina partindo de Bogotá na Colômbia, apenas com uma mochila nas costas e ideias na cabeça, o levaram a se estabelecer em Berlimque até o segundo meado da década de setenta, para depois, pôr fim à sua vida de hippie e ingressar novamente a sociedade capitalista, constituindo família e finalmente hoje encontra-se como colunista do jornal A Tarde. Essa é uma possibilidade para estudos posteriores.

Por algum motivo ainda não esclarecido, uma confluência de fatores contribuiu para que se estabelecesse em Berlimque um local em que um grupo auto-identificadas como *hippies* por ali transitassem durante anos atribuindo novos significados ao lugar através das relações que eram estabelecidas entre pessoas de variadas nacionalidades, proporcionando aos moradores e frequentadores de Berlimque e da colônia novas experiências. Por lá passaram diversos viajantes, além dos que se estabeleceram durante longos períodos também acorreram aqueles que consideravam a colônia hippie um atrativo para passar o final de semana. Contudo, o hippie tem tipicamente uma aversão ao turismo, tanto no fenômeno como um todo quanto no próprio uso da palavra. Ao questionar um dos meus entrevistados se a colônia hippie costumava receber turistas e em que época costumavam aparecer com mais frequência, tive a seguinte resposta:

Não eram turistas, naquela época não tinham turistas como hoje. A Colônia Hippie era um lugar alternativo, recebia o pessoal alternativo, mas durante o verão vinham também aqueles hippies de fim de semana. (Entrevistado, Salvador, 2013)

Considero “hippies de fim de semana” uma categoria etnográfica importante, que se refere àquelas pessoas que sentem prazer e afinidade pelas experiências e ideologia do movimento *hippie*, mas não conseguem transitar totalmente de um plano de inserção para o outro, na medida em que se desvinculam do trabalho, da família, de casa e da vida cotidiana, mas ainda assim procuram nos finais de semana o isolamento que lhes permitam desligar-se da vida urbana para desfrutar da natureza, de toda a dinâmica que envolve a vida em uma colônia hippie e seu fascinante intercâmbio cultural. Além disso, eram praticadas experiências com diversos tipos de psicoativos como de costume em comunidades alternativas e no movimento hippie como um todo,

utilizados de maneira lúdica. Esse fenômeno de “fuga” dos centros urbanos já era marcante na década de 70, a rotina estressante do trabalho acabava por rotinizar a vida das pessoas, a ideologia *hippie* que se espalhou pelo mundo através de diversas manifestações culturais mobilizou pessoas em vários países. Ao contrário dos “hippies de fim de semana”, haviam também aqueles que romperam com os limites entre o local e o global e fizeram do mundo a sua casa:

Durante cinco anos vivi em comunidades hippies, nas grandes cidades, na rua. Dormia em bancos de praça, portas de igrejas, marquises de lojas, e no litoral, nas praias, sob a areia, quando o tempo permitia. Andava descalço, escovava os dentes com os dedos molhados de argila do rio e, nesse período, deixei de ver televisão, ouvir rádio, ler jornais e falar ao telefone. Conheci e usei cocaína, mescalina, LSD e anfetamina, dentre as drogas químicas. Também haxixe, datura, ayahuasca, cogumelos e peiote, dentre as naturais. Lia a Bíblia, o Alcorão, o Bagavat Ghita e o Li-Ching..(CADENA, Nelson Varón, 2004)

As manifestações religiosas são muito comuns no movimento hippie, principalmente as religiões orientais como o Budismo, o Taoísmo, Hinduísmo, além de movimentos como o Hare Krishna e outros. Sabe-se que o pescador conhecido como My Friend, o primeiro a se estabelecer onde mais tarde viria a ser a colônia hippie, assumia em algumas circunstâncias o papel de um guru. Entretanto ressalto o fato de que a palavra *guru* em sua etimologia se refere a um professor (em sânscrito), ou alguém que detenha um profundo entendimento sobre alguma linha filosófica. Na Índia o guru é visto como um guia sagrado à auto realização enquanto que no ocidente pode ser visto sendo utilizado de forma metafórica sugerindo alguém que tenha seguidores ou detenha um conhecimento especializado em determinado campo. De uma maneira ou de outra, esse papel assumido pelo pescador era assimilado por algumas pessoas da mesma forma que outras manifestações relacionadas à religiosidade, mesmo quando utilizadas somente para mediação e resolução de conflitos ou para outros interesses específicos. O modo como se dava a dinâmica da vida religiosa na colônia hippie é algo que essa pesquisa não alcança, da mesma forma, a utilização de substâncias psicoativas associadas a um uso ritualístico para além do lúdico é algo que não posso afirmar, por isso, deixo claro essa lacuna a ser preenchida por novos estudos. Aqui priorizei situar a existência da colônia hippie como um local de agregação e de troca de experiências entre viajantes hippies de várias partes do mundo e “hippies de fim de semana” com a comunidade local, contudo, a colônia hippie assumiu um papel transformador na localidade se tornando um forte atrativo para os visitantes da época.

A colônia abrigava então ambos os *hippies*, sendo que, o viajante mochileiro era aquele que permanecia por mais tempo ou até residia na colônia, enquanto que os “hippies de fim de semana” tinham limitações no seu tempo. Dessa forma se estabeleciam algumas associações entre aqueles que moravam na colônia hippie e aqueles que a visitavam esporadicamente, pois existia uma relação de respeito aos integrantes mais velhos e principalmente a My Friend. Um exemplo dessas relações é o fato de que os visitantes esporádicos da colônia eram bem vindos não só pela companhia, mas pelos alimentos que levavam proporcionando um mínimo de conforto para aqueles que estavam ali durante os invernos e períodos de escassez, como se encontra detalhado no trecho de uma matéria que identifiquei e que destaco mais

adiante. Da mesma forma, se estabeleciam diferentes relações entre os integrantes da colônia hippie e os moradores “nativos” de Berlinque. Busquei narrativas escritas e orais que permitam compreender as principais características relacionadas à vida cotidiana em Berlinque refletida nessas narrativas sobre a colônia hippie na década de 1970, em busca de entender quais e como os principais laços eram estabelecidos entre os moradores da colônia e a população local em diferentes âmbitos.

Como já citei no parágrafo anterior, aquelas pessoas que estão atreladas ao trabalho e às obrigações que a vida urbana lhe impõe, precisam cumprir com horários e outras demandas, sendo assim, a maneira como lidam com o tempo é distinta da concepção de tempo dos moradores locais ou até de outros hippies. Enquanto a rotina dos pescadores consiste basicamente em dormir cedo, acordar por volta das três horas da manhã e sair para pescar ou exercer alguma outra atividade, a rotina dos turistas assim como a dos “hippies de fim de semana” consiste em fazer o máximo aproveitamento do tempo livre disponível para o lazer.

Na Colônia Hippie era muito comum as “festas dionisíacas”, com uso de diferentes tipos de substâncias psicoativas na intenção da celebração e do divertimento. Esse ambiente de intercâmbio de experiências e conhecimento passou a gerar repercussões em diversos lugares através das pessoas que por ali passavam, essas repercussões de alguma forma atraíam cada vez mais pessoas para conhecer a Colônia Hippie de Berlinque. Observem o trecho de uma matéria publicada no site do iBahia:

A colônia hippie de Berlinque reuniu em torno de 30 jovens, quase todos estrangeiros. Alguns deles moraram até três anos no local, mas a maioria vinha de passagem por uma, ou duas semanas. No verão a população da colônia aumentava com o fluxo dos hippies de fim de semana, moradores de Salvador. Sempre bem vindos, não apenas pela companhia, mas, também porque traziam comida, um mínimo de conforto que não tínhamos durante o inverno.¹³

Pode-se notar que a presença de visitantes era muito bem aceita, na medida em que houvesse um compartilhamento de suprimentos entre os moradores mais antigos e demais integrantes nas épocas difíceis de escassez. Em colônias onde as pessoas vivem em comunidade de forma alternativa é bastante comum o compartilhamento das coisas, inclusive de alimentos, de forma que, no local não existia meios de armazenamentos dos alimentos perecíveis e por isso deveriam ser bem administrados. O desapego aos bens materiais e a solidariedade são marcar do movimento hippie, práticas muito defendidas pelos integrantes da época e que fazem da vida coletiva uma teia de relações de troca, tanto do ponto de vista material quanto cultural, configurando uma dinâmica que permitiu que a vida da colônia hippie durasse por volta de uma década.

O crescente número de visitantes e de novas cabanas de palha que vinham sendo construídas preocupava as autoridades. Segundo um de meus entrevistados a marinha costumava fazer visitas constantes onde a colônia estava localizada. Da mesma forma, o

13- Disponível em: <http://www.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2012/10/27/a-colonia-hippie-de-berlinque-na-ilha-de-itaparica/> Acesso em: 18/12/2013

proprietário da terra onde a colônia se encontrava fazia também visitas rotineiras sempre demonstrando preocupação pelo fato de ter havido um crescente número de pessoas frequentando o local.

As casas dos moradores que compunham o povoado se encontravam mais concentradas ao interior da localidade, a região costeira não era ocupada por casas de veraneio como nos dias de hoje, a maioria das casas se encontravam também nos centros vizinhos de Aratuba e Cacha Pregos. A colônia hippie se encontravam onde hoje é conhecido como Ponta de My Friend, cerca de dois quilômetros mais afastados pela praia.

Naquele tempo, Berlinque não tinha luz elétrica, como de resto quase todas as localidades da Ilha de Itaparica; um paraíso aprazível, onde acorriam hippies de todas as partes do mundo, mas também jornalistas, publicitários, estudantes e profissionais liberais de Salvador, que não abriam mão de noites sossegadas e ao mesmo tempo libertinas, da boa comida [...] (CADENA, 2004, p.65)

A Colônia Hippie de Berlinque surgiu em torno do pescador Almério, o qual já mencionei no início dessa sessão, que foi apelidado por um viajante californiano como My Friend. Até os dias de hoje o local onde se situava a colônia é conhecido por este nome e define um dos limites da praia de Berlinque em direção a Cacha Pregos. É um nome que sobreviveu ao tempo e desperta diferentes lembranças naqueles que ali viveram durante aquela década. Os papéis que My Friend assumia na colônia fizeram dele um administrador, adquiriu respeito daqueles que por lá frequentavam e despertou inveja em alguns moradores nativos de Berlinque de acordo com os relatos contidos em algumas de minhas entrevistas.

As estruturas familiares dos moradores de Berlinque na década de setenta eram muito coesas. Era uma localidade com um número pequeno de pessoas em torno das quais existia uma outra concepção do matrimônio que não a que correntemente temos, o que possibilitou a existência de um número maior de laços consanguíneos implicando na coesão do grupo como, por exemplo, na resolução de conflitos que envolvam os “de fora” com algum “nativo”, esses laços se mostram ainda mais evidentes. Quanto menores e mais isoladas, maiores são as chances de que sejam mais estreito os laços consanguíneos entre os habitantes de uma determinada localidade, é muito comum a existência de uma grande rede de parentesco e de outras perspectivas em relação ao incesto de forma a configurar uma dinâmica própria da vida no local.

Nos dias atuais a população de Berlinque, assim como a das demais localidades da BTS, passa por um elevado aumento populacional, o que gera diversas implicações dentre outras coisas, para o turismo e para as populações tradicionais e demais populações. Será que os antigos moradores “nativos” de Berlinque e sua complexa rede de parentesco ainda permanecem no local? Quais concepções dos moradores locais em relação ao incesto na atualidade e quais as suas implicações? Essas são questões que esse trabalho não contempla, pois exige um estudo mais aprofundado no tema e uma presença mais contínua no campo requerendo mais tempo. Deve ser um trabalho que identifique a permanência ou não de famílias na localidade mapeando os seus quadros genealógicos, traçando as principais heranças culturais e memórias deixadas por diferentes gerações para observar em que medida o aumento populacional da Baía de

Todos os Santos e de Berlinque em particular transformou as relações familiares e a dinâmica sociocultural da localidade. Essas questões podem ser contempladas em trabalhos futuros.

Esse trabalho não pretende valorizar uma visão romântica de como era a vida durante os anos de 1970 na Colônia Hippie, mas sim identificar situações consideradas problemáticas tanto para moradores locais como para frequentadores e/ou moradores da colônia, com o intuito de, através de relatos, entender de que diferentes maneiras o trânsito de *hippies* na localidade e a formação de uma colônia era visto por diferentes atores e influenciou nas transformações ocorridas no lugar.

O local onde a Colônia Hippie de Berlinque ficava estabelecida pertencia a um proprietário de terras que não residia na localidade. A permanência de My Friend e dos novos moradores e visitantes dependia de constantes negociações com o proprietário da terra, mas como afirma um de meus interlocutores, My Friend levava o dono das terras “no papo”. Segundo ele, My Friend era um negociador nato. Ao questionar como era a relação do pescador com os moradores locais de Berlinque a resposta foi a de que os moradores locais tinham certa inveja de My Friend por sempre estar acompanhado de bonitas mulheres. Como eu já mencionei, não havia uma restrição sexual para parentes próximos. O fato de transitarem mulheres de diferentes nacionalidades e diferentes estados do Brasil em Berlinque despertava nos nativos um sentimento de cobiça, estimulando condutas, muitas vezes de adultério, que certamente evidenciavam características do *ethos* masculino na comunidade naquela época. Ao conversar com alguns moradores indagando também se tinham conhecido o pescador My Friend e como se relacionavam, foi bastante recorrente o fato de se referirem a ele de modo discriminatório sempre associando-o a maconha e outras drogas, sendo assim, a relação que o pescador mantinha com os moradores locais era problemática em determinados pontos.

Para a população local, assim como para aqueles que viviam na colônia, a pesca lhes garantia uma certa independência, mas a demanda nem sempre atendia às necessidades dos pescadores. Muitas vezes não havia como escoar a produção. Em épocas onde o clima e a maré estão favoráveis para a pesca muitas vezes havia peixe e não havia quem comprasse, por outro lado, o inverno era a época de escassez, tornando-se ainda mais difícil obter alimentos para muitas pessoas. Não havia formas de armazenamento do pescado além do sal, que o mantinha conservado por alguns dias, então o comércio do pescado girava basicamente em torno da prática das “ganhadeiras”, atividade que exerce um papel social importante em diversas localidades pesqueiras e ribeirinhas que anteriormente mencionei.

A caça de guaiamuns também era bastante comum e consistia em mais uma fonte de subsistência que procedia de duas maneiras: ou era esperado o momento da “andada”, quando os guaiamuns estão em época de reprodução e caminham desprotegidos pela superfície em determinado estágio da lua cheia e período do ano, ou então eram montadas “ratoeiras”, como são chamadas as armadilhas para guaiamum, são feitas com lata. Durante a “andada” um dos meus entrevistados que morou na colônia afirmou ter pego 120 guaiamuns, acompanhado de um facão e colocando-os em sacos de cebola. O guaiamum é um grande caranguejo terrestre que representa um importante recurso em muitas localidades, sua espécie é bem distribuída no litoral

brasileiro, mas o seu maior consumo e comercialização são na região Nordeste. Por ser um animal terrestre ao contrário dos caranguejos de mangue, muitas vezes são capturados e alimentados em um cativeiro para que engordem¹⁴, dessa forma, consiste em uma fonte de alimento importante para as pessoas que viviam em Berlinque e na colônia hippie.

Outra fonte de alimento bastante comum naquela época era a tartaruga, dela aproveitavam-se até o casco, que era vendido para as pessoas que confeccionavam pentes de cabelo, “*dela só não aproveitava a cabeça, a carne era deliciosa e os nativos diziam que dava tesão, então eu preparava lá e vendia para as mulheres de fora*”, como afirmou um antigo morador da colônia hippie, segundo ele, esperava-se que a tartaruga colocasse os ovos, que também eram comidos, depois ela era virada de ponta-cabeça e toda aproveitada.

Algumas pessoas que conseguiam outros trabalhos além da pesca tinham alguma condição para viver razoavelmente com um certo conforto durante o inverno. Contudo, algumas realmente passavam fome nessa época. Os fortes ventos impossibilitavam a prática da pesca e outras fontes de alimento também ficavam escassas. Até os palmitos dos coqueiros e os nicuris eram utilizados como alimento sendo muitas vezes comidos puros ou misturados com farinha e caldo de pimenta; uma fruta denominada bacupari também existia com fartura naquela época, era uma árvore frondosa e muito vistosa que demorava cerca de dez anos para crescer, por serem árvores altas as pessoas aguardavam que as frutas caíssem no chão, mas os sariguês¹⁵ são grandes apreciadores da fruta disputando-as com as pessoas. Os próprios sariguês algumas vezes serviam de alimento sendo misturado com o feijão no qual também se misturava cachaça. Quando questionei de que maneira eles aprenderam a utilidade de cada fruta e animal para se alimentarem nos períodos difíceis, a resposta foi de que maior parte dos aprendizados veio dos pescadores e em especial de My Friend.

Era dura e difícil a vida na colônia. Acordávamos de madrugada para pescar, as vezes sem resultados; passávamos horas no mato disputando os frutos do bacupari com os sariguês e caçando guaiamuns e nos dias de vento sul arrancávamos palmitos de palma de bacuri para enganar a fome. Tomávamos café com farinha dentro e temperávamos o feijão com um gole de cachaça para não ficar desabrido. E nos dias de desova de tartaruga percorríamos quilômetros de praia na busca de ovos para comer e até sacrificávamos o bichinho para degustar a carne. Esse era o costume dos nativos naquele tempo.¹⁶

Na Colônia Hippie chegaram a viver oito pessoas fixas de várias nacionalidades além de My Friend e os seus dois filhos adotivos. Chegaram a ter dez casas de madeira e palha, o movimento cada vez maior de pessoas tanto visitando a colônia como residindo por algum período nela, fez chamar ainda mais a atenção do proprietário das terras, para isso novas negociações tinham de ser feitas, afinal, junto com as novas casas

14- Em 2004 o guaiamum foi incluído na lista oficial do Ministério do Meio Ambiente de espécies sobre-exploradas.

15- Uma espécie de roedor comum no nordeste do Brasil.

16- Disponível em: <http://www.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2012/10/27/a-colonia-hippie-de-berlinque-na-ilha-de-itaparica/> Acesso em: 18/12/2013

de madeira e palha construídas ainda havia cercados para criação de galinhas, áreas desmatadas para lenha e construção. Eram feitas cercas para que os animais não comessem as plantações de melancia, abobora, maxixe, e outros alimentos, além disso haviam os esgotos das cabanas que iam direto para o mar. Uma das pessoas que consegui entrevistar disse que ela mesma uma vez foi acompanhada de My Friend para conversar com o proprietário, confirmou também o relato de que algumas vezes navios da marinha passavam beirando a costa em uma espécie de fiscalização de rotina.

A estrada de Cacha Pregó era toda de barro, mas o transporte que faz o trajeto até Mar Grande já existia, para os que não tinham dinheiro a solução era ir caminhando pela praia. Um de meus interlocutores afirmou que quase todo mundo naquela época trabalhava para os fazendeiros além de viver da pesca, todos que eram de Berlinque de alguma forma trabalhavam na colheita de coco e dendê. Na propriedade onde ficava a colônia hippie não haviam monoculturas, apenas alguns pés de coco dos quais também se tirava o alimento, mas a propriedade não possuía grandes plantações.

Esse mesmo antigo morador afirmou ter feito de sua casa um pequeno bar, nele eram vendido basicamente bebidas: cachaça e cerveja; também vendia alguns pratos como caranguejo, lambreta e tartaruga, dos quais a matéria prima era comprada com algum pescador ou então capturada ali mesmo na praia. A tartaruga ao ser feita produzia um caldo que os nativos diziam ser afrodisíaco como já citei, esse caldo também era vendido para homens e mulheres visitantes que acreditavam nos seus efeitos. O bar funcionava de fato nos períodos de verão e feriados mais movimentados, quando turistas ou “hippies de fim de semana” vinham desfrutar de experiências alternativas e se divertir no local durante as férias. Nesse período grande parte do lucro era com a venda de bebidas, era comum ocorrerem festas com instrumentos musicais e celebrações em volta de fogueiras, para isso era necessário que o comércio no local se mobilizasse de alguma maneira. Em entrevista ao dono do bar que existiu na colônia, questionei de que maneira ele conseguia manter um bar e vender cerveja, alguns pratos e outras bebidas sem luz elétrica, ele me respondeu:

Eu saía de Berlinque às seis horas da tarde do dia anterior e andava pela praia até Mar Grande a noite toda. Eu saía com um litro de refrigerante e um pão com manteiga e aí parava, fumava um fumo, e embarcava na primeira lancha que saía de Mar Grande para Salvador às 4:30 da manhã. Chegando em Salvador eu ia no único lugar que vendia gelo que era ali indo pra Nazaré saindo do túnel Américo Simas. Eu levava um isopor e comprava duas barras de gelo e cobria com lascas de madeira pra conservar. Depois eu atravessava de volta e ia andando com o gelo até Berlinque, colocava aquelas tocas que a baiana bota e ia. Eu não sentia cansaço, fiz isso por mais de um ano, mas fazia mais nas épocas de maior movimentação. O meu bar era o único que vendia cerveja gelada, por isso fazia o maior sucesso. Ninguém tinha coragem de fazer isso. (Entrevistado, Salvador, 2013)

É interessante notar que o movimento cada vez maior de pessoas frequentando a colônia fez com que um dos moradores transformasse a sua cabana em um ponto comercial para atender as demandas dos visitantes em relação a alimentação e bebida, com isso também obtinha lucro além de que, na maioria das vezes, era no bar onde se reuniam as pessoas, para beber, conversar e compartilhar experiências. Observa-se no

trecho destacado acima a mão de obra e o empenho do dono do bar para que fosse viável o comércio na colônia. Isso demonstra que nas épocas de maior movimentação, mesmo que de maneira trabalhosa e simples, as pessoas eram criativas e desenvolviam mecanismos para atender aos visitantes e às suas próprias demandas.

Uma história me foi narrada a respeito de uma brincadeira feita entre os moradores da colônia que consistia em um concurso de bundas, onde todos chegavam no bar e faziam um samba enquanto cada concorrente mostrava a bunda para que fosse eleita a mais bonita. No dia seguinte os nativos bateram à porta do dono do bar querendo lhe mandar embora e reclamando que teriam profanado a data religiosa da Sexta-feira Santa com o tal concurso. Se trata de um episódio comum, afinal é recorrente a existência de conflito em bares por determinadas condutas em diversos lugares e contextos, porém, esse caso me chamou a atenção pois o dono do bar era um estrangeiro e as pessoas que participavam do tal concurso eram em sua maioria pessoas de fora da comunidade, hippies e turistas. O fato de que os moradores procuraram zelar pela tradição da Sexta-feira Santa e de certa forma se sentiram ofendidos pelo comportamento dos “de fora” deixa claro algo que se mostra presente em grande parte dos locais que passam a receber um número sempre maior de turistas e visitantes. O intercâmbio de costumes e crenças muitas vezes não geram convergência e harmonia em todos os aspectos, dessa forma, diferentes atores assumem papéis que lhes levam a reforçar os seus próprios costumes e valores frente a episódios que violem as suas crenças e costumes.

Uma questão que já mencionei nesse trabalho e que influi preponderantemente sobre a vida e os hábitos, tanto daqueles que vivem em Berlinque como daqueles que visitam o local, é violência. No Capítulo 2 mostrei que é recorrente os relatos de estupros. Ao tocar em questões como violência e falta de segurança com os meus entrevistados, o estupro surgiu em vários depoimentos, tanto daqueles que vivem lá nos dias de hoje, quanto com aqueles que por lá viveram na colônia hippie durante a década de setenta.

Os conflitos de estupro eram grandes. Na época os nativos estupravam as hippies, mas eles não consideravam isso estupro. Na época do machismo eles diziam que era culpa da mulher por ficar se mostrando. Em comunidades pequenas é aquilo que eu falei das relações familiares, quando você ia procurar por quem tinha estuprado uma hippie na praia eles acobertavam e diziam que era culpa dela. Eram muitos casos e em todas as situações os nativos abafavam e ai de quem fosse dar alguma queixa na polícia, se eles soubessem quem era eles condenavam e brigavam com o cara, mas não admitiam que fossem dar queixa na polícia. Agora se a pessoa estuprada fosse algum deles, ai nem teria queixa na polícia, eles matavam com certeza. (Entrevistado, Salvador, 2013)

Mais tarde, estando em Berlinque entrevistei alguns moradores, tive a oportunidade de tocar novamente em assuntos relacionados a estupros durante a época da colônia hippie. As respostas sugeriam que os depoimentos relatados eram falsos e que naquela época Berlinque era um paraíso, onde as pessoas podiam passear pela praia tranquilamente, onde muitas pessoas praticavam até nudismo, mas se aconteciam relações com as “gringas” era porque elas se ofereciam para os “nativos” e não por conta de estupros, completando um morador disse:

Ao contrário daquela época, não venha passear com a sua namorada de boqueira na praia pela noite nos dias de hoje não! É bem provável que aconteça alguma fatalidade; a invasão da ilha acabou com Berlinque, aqui já não é mais paraíso, a violência está demais. (Entrevistado, Berlinque, 2013)

A invasão a qual o morador se refere é ao crescimento populacional e imobiliário que atingiu a Baía de Todos os Santos como um todo. O crescimento do número de empreendimentos fez com que a população do seu entorno crescesse nas últimas décadas. A especulação imobiliária atingiu as populações mais isoladas criando juntamente com os demais impactos um contexto amplo de vulnerabilidade sobre o qual muitos pesquisadores tem se dedicado a analisar. Em Berlinque a posse da terra em sua maioria não é regularizada e o crescimento desordenado e suas implicações já foram citadas no decorrer desse trabalho, mas é esse um dos principais motivos que levaram ao fim da colônia hippie, ao grande aumento populacional, ao crescimento estrutural e desordenado da localidade com o surgimento de um comércio mais mobilizado e articulado, de um número grande de casas de veraneio e condomínios fechados, além de um conjunto de casas e invasões que configuram um processo iminente de favelização. Todos esses aspectos geram insatisfação por parte da população local pela falta de segurança, de organização social forte por meio da associação local e pela colônia de pesca, pela falta de assistência da prefeitura municipal e pelos constantes episódios de violência que assustam moradores e turistas.

O local onde se encontrava a colônia era esporadicamente visitado por oficiais da marinha e pelo proprietário da terra. Isso demonstra a preocupação das autoridades e do proprietário com o crescente número de visitantes e novos moradores na colônia. A insatisfação do proprietário assim como as exigências dos oficiais eram tratadas todas com My Friend, porta-voz do local, primeiro a se estabelecer ali e pelos relatos que pude coletar o pescador era um ótimo negociador e tinha um dom diplomático muito apurado, de maneira a conseguir permanecer ali e permitir o trânsito de tantas pessoas durante anos.

No livro de Nelson Cadena identifiquei um trecho que narra uma situação na qual os hippies da colônia resolveram tomar um chá feito com cinquenta flores de datura¹⁷. No dia seguinte oficiais da marinha iriam vistoriar a colônia a fim de encontrar irregularidades, My Friend durante a noite pegou cada hippie, um por um, e os trancou em uma única cabana mais isolada. Pontualmente às sete horas da manhã, quando os oficiais vistoriavam a cabana de My Friend (a mais evidente), perguntaram-lhe imediatamente sobre a autorização para estar ali, no livro o autor descreve:

My Friend explicou-lhes que não usava esse tipo de documento, pois ele, como os hippies que costumavam visitá-lo, era cidadão do mundo. Explicou-lhes que há mais de dez anos morava naquele lugar, pelo que teria direitos adquiridos, não só o direito dos homens, mas o direito cósmico, ele mesmo um ponto de energia no espaço sideral. Explicou-lhes que mesmo aos 70 anos de idade era um trabalhador que vivia da natureza, em perfeito equilíbrio, um guru, conforme reportagem da *Tribuna da Bahia*, que fazia absoluta questão de mostrar-lhes, e é por isso, insistia, que ‘vêm andarilhos de todo o mundo me ver, para

assimilar os ensinamentos de quem renunciou a uma vida comum, em troca de paz de espírito'. (CADENA, 2004, p.82)

Segundo um antigo hippie que entrevistei “*a marinha aparecia por lá sempre, mas eu não testemunhei nenhuma conversa entre eles e My Friend porque sempre estava escondido no mato*”. Além disso, é interessante observar o papel assumido por My Friend quando a preocupação das autoridades era com a proximidade que as cabanas estavam da área costeira pertencente à marinha, além do fato de que haviam novos moradores além do pescador My Friend e outras cabanas além da sua. Nesse dia My Friend comprometeu-se a derrubar definitivamente as cabanas dos hippies e recuar a dele por dez metros no mínimo:

Jeitoso, conduziu os oficiais até as outras cabanas, construídas como a dele de pau-a-pique, com palha de tiririca no teto. Justificou a ausência de qualquer morador porque ‘sabe como é, tem horas que eu quero ficar sozinho e então dispensei todo mundo’. Justificou a cerca de arame farpado em volta de uma pequena plantação de melancias: - ‘Não que eu queira ficar com terra, mas se não cercar os bichos comem’-, para prometer, ao final, todo empenho em resolver a situação. (CADENA, 2004, p.82)

Ao ser identificado como um guru, My Friend passa a assumir uma personalidade e a evoca sempre que necessário. De acordo com os relatos ele se comportava como tal, mas era um verdadeiro ator, dizia ser guru para convencer alguém de algo e mediar conflitos, se ele assumia de fato um *alter ego* é algo que não se sabe, mas essa característica fez dele uma importante personalidade para os que ali estiveram. Essa personalidade não era assimilada pelos “nativos”, ao perguntar a um antigo morador nascido em Berlim sobre o pescador My Friend, com um ar de rancor exclamou: “Pescador? Aquele ali não era pescador coisa nenhuma, ele gostava de plantar uma maconha!”.

My Friend tinha como hábito se refugiar na sua cabana sempre que os hippies empreendiam “viagens” delirantes. À luz de uma vela, escrevia sem parar, com uma certa dificuldade, pela falta de estudo- tinha somente o curso primário- convencido de que um dia algum editor publicaria o seu tratado de sexo contendo mil e uma posições. Trechos do “livro”, lidos em voz alta às vistas, principalmente quando a platéia era constituída por mulheres, satisfaziam o seu ego. Para não deixar dúvidas quanto a seus conhecimentos sobre sexo, afirmava ter praticado todas as posições sugeridas. (CADENA, 2004, p.101)

De acordo com alguns relatos My Friend também administrava o dinheiro de alguns estrangeiros que lhe confiavam suas finanças para que providenciasse comida, bebida e outros mantimentos. Ele também era um ótimo pescador segundo um antigo morador da colônia, era forte e habilidoso além de ter um grande conhecimento das formas de sobreviver a partir do que a natureza lhe fornecia, era uma pessoa bastante

17- Datura é uma flor conhecida como copo de leite, trombeta ou flor de lírio, teve diversas influências na história pelo seus efeitos psicoativos

comunicativa, o que lhe ajudava na hora de negociar alguns tipos de mantimentos nas mercearias de Berlinque e nas comunidades vizinhas. Observe a caracterização feita do pescador em uma matéria publicada no site do iBahia:

My Friend era apenas um pescador, natural do município de Valença, homem sagaz, inteligente, com uma força física extraordinária para sua faixa de idade. Homem bom, mas estava longe de ser um guru. Em todo caso tinha grande ascendência sobre os hippies que frequentavam o local, inicialmente uma enseada de praia com uma cabana; mais tarde, a partir de 1974, uma colônia de fato com mais de dez casas como a da foto, construída por mim com pedaços de pau e cobertura de palha de tiririca de babado. Cabanas em formato redondo, suspensas, para deixar a maré passar por baixo nas enchentes de lua.¹

Em uma ocasião em que oficiais da marinha mandaram My Friend derrubar a cabana dos outros hippies e recuar a sua em no mínimo dez metros, todos cooperaram de certa forma em respeito a sua senioridade. Eles entendiam que My Friend já era um homem de idade e tinha usucapião daquelas terras, tendo inúmeras testemunhas de que vivia ali durante muitos anos, por isso, lhe disseram que afastasse a sua cabana e fosse à Capitania dar entrada num protocolo, com a nova localização da casa, de maneira que pudesse exigir os seus direitos de posse perante a Justiça. Isso não aconteceu, a Colônia Hippie de Berlinque chegou ao fim entre 1980/1981, quando My Friend foi expulso do local, onde as suas cabanas, já corroídas pelos cupins, deram lugar a um loteamento. Certamente a história de vida do pescador My Friend assim como de muitas outras personalidades que construíram um pedaço de suas histórias na Colônia Hippie de Berlinque poderiam dar origem a boas etnografias:

Encontrei ele tem muitos anos em Valença, eu soube que ele estava lá. Ele me contou como foi o fim da aldeia, mas eu não me lembro, acho que botaram pra fora, acho que pela especulação imobiliária queriam dividir o terreno. Eu sei que ele pegou uma grana porque lá em Valença onde ele morava era um terreno que ele tinha comprado, mas ele não tinha dinheiro, então na certa o dono do terreno para se livrar do pepino arranjou uma grana. Antes que ele reclamasse algum usucapião deram logo uma grana a ele porque ele comprou um terreno em Valença e fez uma casinha por lá. (Entrevistado, Salvador, 2013)

Nas fotos anexadas nesse trabalho pode-se notar a grande transformação ocorrida na paisagem. Nas Fotos 3, 8 e 9, pode-se observar que em torno da Capela de Nossa Senhora da Conceição foram construídas várias casas e algumas barracas de praia. As ruas de areia deram lugar às ruas feitas de paralelepípedos e tanto na foto em Foto 8 como na que está em Foto 9 olhando-se com atenção possibilita ver casas que estão atualmente em construção. A igreja fica localizada na parte mais central da vila, na rua que liga a estrada de Cacha Pregos à praia. Nas Fotos 2, 3, 4, 5 e 6 é possível ver o pescador My Friend segurando filhotes de tartaruga, bem como as cabanas da colônia hippie. Nota-se, ainda que ele pendura uma rede e em outro momento orienta a escritora francesa como matar uma galinha. O local onde se encontrava a colônia hippie atualmente é uma área de preservação ambiental, mesmo assim se encontra loteada para venda. No local não existe qualquer construção ou resquícios de que ali existiu um assentamento humano. Mesmo assim, ainda é denominado Ponta de My Friend.

5. CONCLUSÃO

As viagens e o turismo são atividades humanas globalizadas e globalizantes, por meio das quais ocorrem os mais variados tipos de intercâmbio cultural de forma institucionalizada ou de maneira independente como no caso dos mochileiros. Além de gerar uma complexa rede de troca de informações e conhecimentos, pode-se notar que a dinâmica da vida social de determinados destinos são fortemente alteradas com a intensificação do fluxo de visitantes que, narrando as suas experiências ao regressarem ao seu local de origem, incentivam novos movimentos e intensificação dos fluxos. Em consequência do aumento dos fluxos e demandas, os locais selecionados pelos viajantes são estimulados a desenvolver mecanismos para oferecer às pessoas de fora os meios de hospedagem, alimentação, lazer, etc. gerando entrada de recursos financeiros exógenos e, benefícios e malefícios relacionados que acompanham o turismo

O caso de Berlimque se compreenda um dos aspectos destes processos globais no plano local em que ocorrem. Como pode ser visto, nem sempre as comunidades tradicionais que são as principais beneficiárias do “desenvolvimento”. Além de não disporem de capitais para investimentos nas novas economias e das condições de oferta dos serviços demandados pelos visitantes dos mais diversos tipos, fato que torna sua participação marginal, aquelas muitas vezes sacrificam seus princípios culturais estabelecidos em favor da nova ordem que se estabelece nos locais em que viveram de maneira plena e harmoniosa até o momento que aqueles são tornados “destinos” pela *indústria do turismo*. Essa *indústria* pode ter dimensões variadas, desde a presença permanente ou temporária daqueles contestários que *desertam* dos padrões sociais vigentes em suas sociedades em favor de uma nova onda, até o turismo do mais alto padrão de consumo privado todos são, identicamente, excludentes e resultam em vários tipos de deslocamento espacial, econômico, social, cultural, entre outros ao tempo em que estes fluxos são causadores e resultam numa variedade de impactos no ponto de vista socioambiental.

Em diversas localidades da Baía de Todos os Santos o crescimento populacional desordenado vem causando problemas de vários tipos, dentre eles, o que foi identificado como “pontos de estrangulamento”. Aqueles são acontecimentos que demonstrem a incapacidade ou deficiência da infraestrutura e serviços oferecidos no plano local para atender às demandas que o crescente fluxo de pessoas, tanto visitantes e veranistas quanto antigos e novos moradores, necessitam. Esse crescimento populacional não está somente associado ao turismo, mas também a um processo de crescimento urbano, sob o rótulo de *desenvolvimento*, que boa parte dos municípios da Baía de Todos os Santos vem experimentando há várias décadas, em decorrência do crescimento das atividades industriais que são fatores de atração crescente de pessoas. Por traz do rótulo encontram-se populações e ecossistemas em situação de vulnerabilidade socioambiental, que passam por intensas transformações em seus costumes e tradições na maioria das vezes sem o suporte ou a ação adequada por parte do Estado ou das grandes empresas.

Em Berlimque observa-se que as transformações decorrentes desse processo alteraram o modelo de turismo que caracterizava o local. O lugar que por volta de quatro décadas atrás atraía viajantes e mochileiros de diversos lugares do mundo

principalmente pela existência de uma colônia hippie, pela tranquilidade e pela bela praia que o caracterizavam naquela época, no presente é frequentado por veranistas e turistas que, principalmente, e, quase que exclusivamente durante o verão, usufruem de suas férias sem a preocupação necessária no que tange questões ambientais ou com o respeito aos antigos moradores e seus costumes.

Um dos problemas identificados está relacionado com a apropriação irregular da terra, com o aumento do número moradias irregulares e invasão de terrenos, construções de edificações sem qualquer planejamento urbanístico ou respeito às normas de construção, que resulta na *favelização*. O resultado disto é que grande parte dos moradores não têm as escrituras de suas propriedades, sejam estas casas ou terrenos, assim como dispõem de condições precárias de moradia.

Juntam-se aos problemas acima apontados o tráfico de drogas e todas as implicações dessa atividade para uma localidade pequena como Berlinque. O aumento da violência também está associado e é outro fator recorrente para o bem estar no local, seja este dos *nativos*, *veranistas* ou *visitantes* dos mais diversos tipos. Com a crescente onda de assaltos, saques e estupros muitos visitantes da localidade, após experiências traumáticas, preferem não mais retornar

O principal atrativo de Berlinque é a praia, em torno dela se estabelece toda a dinâmica da vida no local. O mar e a praia que tradicionalmente consiste no principal meio de subsistência dos moradores e um grande atrativo para os visitantes. Durante os meses de maior movimentação de visitantes, e em decorrência dessa presença e uso impróprio, pode-se notar uma grande quantidade de lixo descartado indevidamente na areia e nas ruas. Nesse período praticamente todas as casas de veraneio encontram-se ocupadas e o camping também é bem frequentado diferentemente das outras épocas do ano. Pode-se notar que em decorrência desse movimento de visitantes alguns moradores optam por deslocar-se temporariamente afim de se afastarem do barulho e dos incômodos ou afim de garantir uma maneira de auferir ganhos com a “alta estação”. Durante a década de setenta além da praia, o principal atrativo de visitantes para o local era a colônia hippie, situada onde hoje é conhecido como Ponta de My Friend.

Esse trabalho pretendeu lançar uma luz sobre alguns problemas contemporâneos da Praia de Berlinque identificando, principalmente àqueles que de certa forma influem ou são influenciados pelo movimento de visitantes dos mais diversos tipos. Além disso, busquei relatos e histórias de vida relacionados a Colônia Hippie de Berlinque na tentativa de identificar aspectos que retratem a vida das pessoas naquela época, quais as suas formas de subsistência e de que maneira a sua existência motivava a vinda de pessoas de diversas partes do mundo para ali se estabelecerem, uns por pouco tempo, outros durante anos.

6. BIBLIOGRAFIA

ABRAM, Simone; WALDREN, Jacqueline e MACLEOD, Donald (orgs.) (1997). *Tourists and tourism: Identifying with people and places*. Oxford: Berg.

AGUIAR, M. C. P. Degradação Ambiental da Baía de Todos os Santos. Bahia Análise e Dados, Salvador, v. 1, n. 1, jun. 1991, p. 55-57.

BANDEIRA, F. P. & BRITO R. C. (2010). Comunidades pesqueiras na Baía de Todos os Santos: aspectos históricos e etnoecológicos. In: Baía de Todos os Santos: aspectos humanos. Caroso, C., Tavares, F. & Pereira, C. (orgs.) FAPESB/IMA, Salvador.

BARRETTO, Margarita (2003). *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. 13. ed. rev. e atual. Campinas: Papirus.

BRITO, Francisco Emanuel Matos (2005). *Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina*. EDUFBA, 416 p.

BARRETTO, Margarita. *O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo*. Horizontes antropológicos., Out 2003, vol.9, no.20, p.15-29. ISSN 0104-7183

BINDER, Jana (2004). *The whole point of backpacking: anthropological perspectives Britain: Cromwell Press.*

BRYDEN, Jhon (1973). *Tourism and development: A case study of the Commonwealth Caribbean*. Cambridge: Cambridge University Press.

BURKE, Peter. *Uma multidão de curiosos*. Folha de São Paulo. São Paulo, 21 jan. 1996. Caderno Mais, p.9.

CADENA, Nelson Varón (2004). *A viagem- Uma crônica hippie dos anos 70*; Salvador, 140 p. – Ponto e Vírgula Publicações.

CAROSO, Carlos; RODRIGUES, Núbia. *Nativos, veranistas e turistas: identidades, mudanças e deslocamento sociocultural no litoral norte da Bahia*. Turismo em Análise 9 (1). São Paulo, maio 1998, pp.61-75

COHEN, Erick. Toward a sociology of international tourism. McINTOSH, R. W.,

COHEN, Erik (1979). "A phenomenology of tourism experiences". *Sociology*, 13, pp. 179-201.

COHEN, Erik. Backpacking: Diversity and change. In *The global nomad: Backpacker travel in theory and practice*. RICHARDS, Greg; WILSON, Julie. Clevedon: ChannelView, 2004

CRICK, Malcolm(1985). “Tracing” the antropological self: Quizzical reflections on field work, tourism, and the ludic”.*Social Analysis*, 17, pp. 71-92.

DAHER, Rami (2000). “Dismatiling a comunity’sheritage”.In:ROBINSON, Mike et al. (orgs.). *Touris mandheritage relationships*. New castle: University of Northumbria, pp. 105-128

FRANÇA, Rosana Decat (2008). *O turismo histórico-cultural como estratégia de sustentabilidade para a cidade de Cairu- Ba*.

GOELDNER, C.R., RITCHIE, R.B. (Ed.). *Tourism: Principles, practices, philosophies*. NewYork: John Wiley e Sons, 1995. P. 241-250.

GRABURN, Nelson (1967). “The Eskimo and airportart”. *Trans-action*, 4(10), pp. 28-33.

GRABURN, Nelson (1983) *Topray, payand play: The cultural structure of Japanese domestic tourism*. Aix-em-Provence: Centre dès Hautes EtudiesTouristiques.

GRABURN, Nelson; BARRETTO, Margarita; STEIL, Carlos Alberto (2009). Turismo e Antropologia. *Coleção Turismo*. Editora Papirus, p.140.

IANNI, Octávio. A metáfora da viagem. In: *Enigmas da modernidade- Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.11-31.

IANNI, Octávio. A metáfora da viagem. In: *Enigmas da modernidade- Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. P. 11-31.

LATOUR, Bruno. 2006. Como prosseguir a tarefa de delinear associações? *Configurações* 2:11-27. [2005]

LIVEIRA, José Rui. Turismo backpacker/mochileiro. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*.São Paulo: Roca,2005

MACCANNELL, Dean (1976). *The tourist*. Nova York: Schocken Books.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v.17, N.49, São Paulo, junho 2002.

MOON, Ok Pyo (1989). *From paddy field tos kislope: The revitalization of tradition in Japanese village life*. Manchester: Manchester University Press.

NASH, Dennison (1996). *Antropology of tourism*. Oxford: Pergamon.on the characteristics of backpacking. In: RICHARDS, Greg; WILSON, Julie

NUÑES, Theron (1963). “Tourism, tradition, and acculturation: El *weekendismo* in México”. *Etnology*, 2, pp. 328-336

ORTIZ, Renato (1997). A viagem, o popular e o outro. In: *Um outro território. Ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Ed. Olho d'Água. p. 29-47.

PESSOA, Fernando (1982). *Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol.II*. Lisboa: Ática.

PICARD, David (2007). "Friction in a tourism contact zone". *Suomen Antropologi*, 32(2), pp. 96-109.

RUIZ, Carlos V. e ARMAND, Enrique H. *Estructura y organizacion del mercado turístico*. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, S.A., 1998.

SAWAKI, Douglas Eigi; SAWAKI, Júlia Flores Huller (2010). Mochileiros: Um segmento a ser explorado no Brasil. *VI Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL-SeminTUR*. Universidade de Caxias do Sul

WANG, Ning (1999). "Rwthinking authenticity in tourism experience". *Annals of Tourism Research*, 20(2), pp. 349-70.

WESTERN, David. Prefácio: Definindo ecoturismo. In: LINDBERG, K. e HAWKINS, D.(Orgs.) *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: SENAC, 1995. p. 45-55.

YOUNG, George (1973). *Tourism: Blessing orb light?*. Harmonds worth: Penguin.

ANEXOS



Foto 1: Luciano Andrade

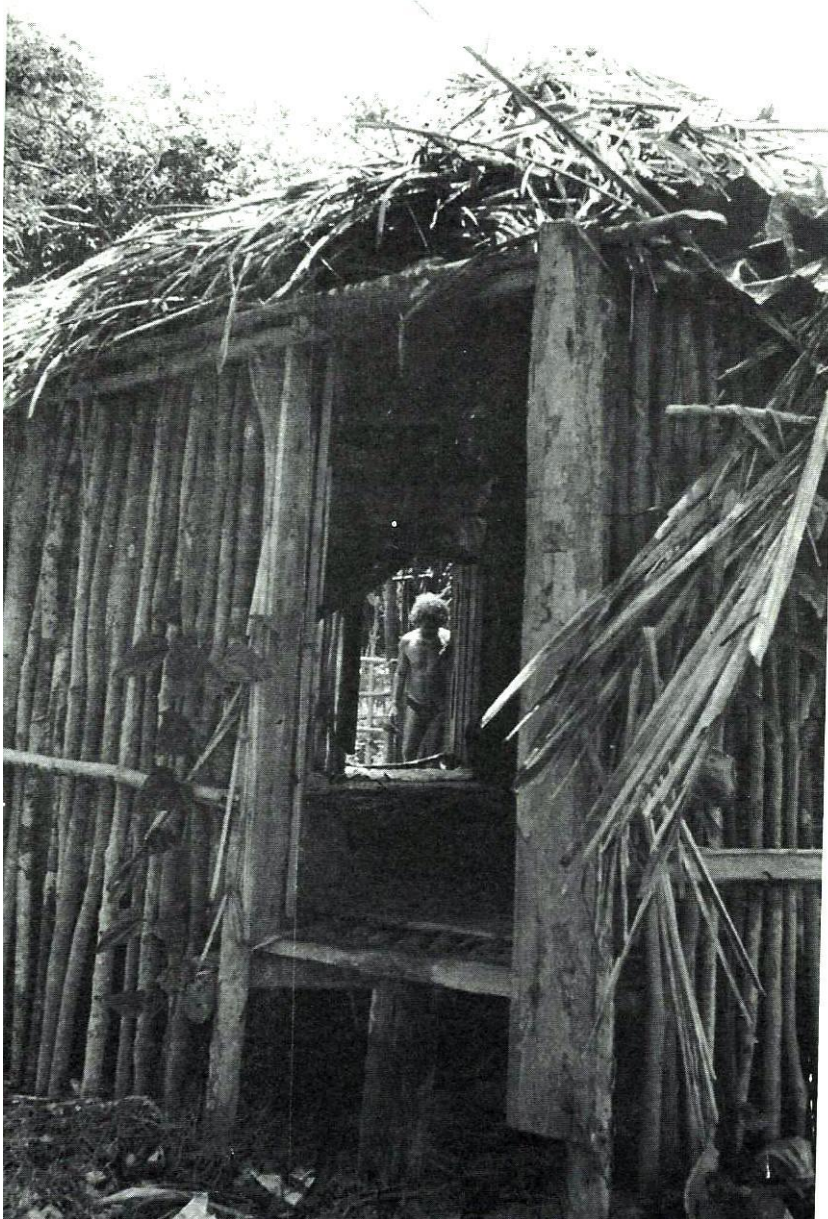


Foto 2: Luciano Andrade



Foto 3: Luciano Andrade



Foto 4: Luciano Andrade



Foto 5: Luciano Andrade



Foto 6: Luciano Andrade

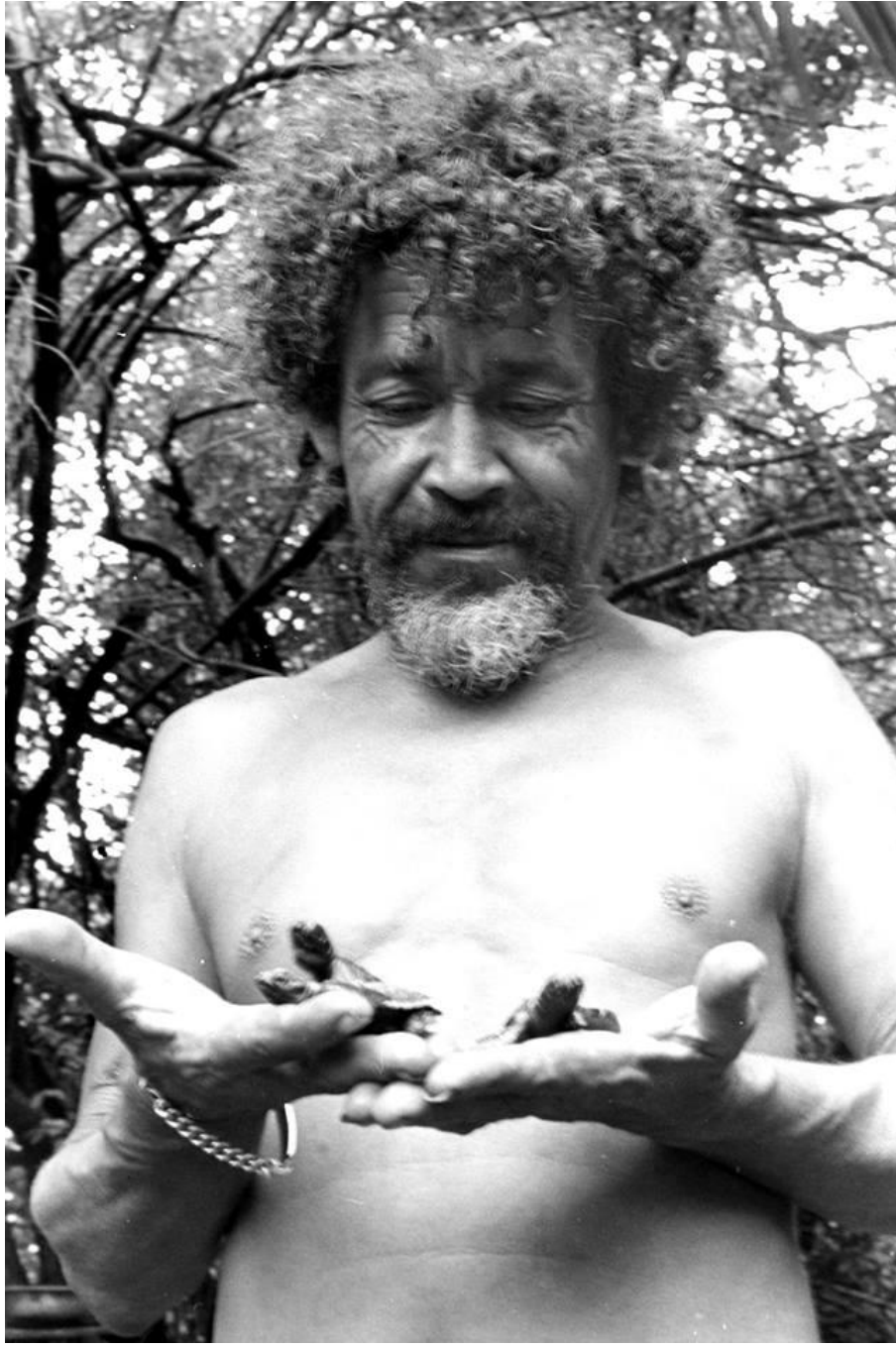


Foto 7: Luciano Andrade



Foto 8: Pedro Paulo D. Skinner



Foto 9: Pedro Paulo D. Skinner



Foto 10: Pedro Paulo D. Skinner



Foto 11: Pedro Paulo D. Skinner